

BIENNALE
DEI
Giovani ARTISTI
DELL'AREA
MEDITERRANEA

Lisbona 1994

RASSEGNA STAMPA
2^a EDIZIONE

VOL. 2

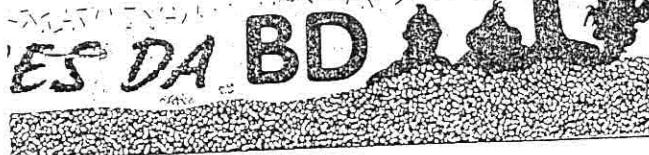
RECORTE

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE REPORTERS DA MÍDIA, LDA
55 ANOS AO SERVIÇO DA INFORMAÇÃO ESCRITA

Notícias do Endocrinólogo

Endocrinologia

Edição nº 000369 de 27/12/94



apreciados originais de autores tão curiosos como Athanasc Moutopoulos (Grécia), Sphend Bengu (Albânia), Jaoudet Gassouma (Argélia), Jaime Hernandez de La Torre e Juan Diaz Almagro (ambos de Espanha), Manuele Fior, Piero Angelini, Matteo Casali e Raimondo Pasin (todos de Itália), mais o colectivo Jakob Klemencic, Damjan Sovec e Milos Radosavlevic da associação cultural Forum de Liubliana (Eslovénia), que publica na revista de BD Stripburger (editada por Boris Bacic; contacto: Stripburger, Forum, Kersnikova, 4, 61000 Ljubljana/SLOVENIA). O NE passou por lá e, apesar da deficiente iluminação, recomenda vivamente esta mostra, aos que passarem pela capital nos próximos dias. Existem trabalhos muito bons — como aquela estória de Natal (que se aproxima) do esloveno Klemencic, onde deparamos com um atónito Pai Natal que, em contrapartida pelas prendas que oferece, recebe cadáveres de suicídios, acabando por levá-los consigo atrelados ao trenó voador... No fim persiste a mensagem "Vesel Bosic in Srecno Novo Leto vam Zeli" que em português mais não significa que o tradicional e universal Feliz Natal e Bom Ano Novo. Fica uma dúvida: gostava de saber porque é que não há portugueses entre estes talentos do círculo mediterrânico. Mistérios...

BIENAL COM BD AO MEIO

E do firmamento europeu, caíram novíssimas estrelas azuis cor do mar Mediterrâneo Integrada na 7ª Bienal de Jovens Autores da Europa e do Mediterrâneo — Lisboa 1994, está patente ao público, desde 15 de Novembro e até 15 de Dezembro, Cordoaria Nacional, uma vasta exposição que abrange das Artes Plásticas à Fotografia, passando pelo Design Gráfico ou de Arquitetura, pela Joalharia, Vídeo e... Banda Desenhada. No espaço reservado à 9ª Arte, paredes-meias com a Ilustração, podem

RECORTE

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTE DA IMPRENSA, LDA
50 ANOS AO SERVIÇO DA INFORMAÇÃO ESCRITA

Público
Lisboa 330

Edição nº 001718 de 19/11/84

10

A Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo continua por vários espaços da capital. Música erudita pelos italianos City Ramblers Combat Folk, às 17h00, no Instituto Franco-Portugais, na Avenida Luís Bivar, e, também, pelos franceses Cinqui So, às 19h00, no Mosteiro dos Jerónimos. Sete vídeos de realizadores franceses, italianos, espanhóis e ingleses, a partir das 16h00, na Videoteca Municipal, ao Largo do Calvário. Dança na Central Tejo, às 20h30, pelo grupo do Instituto di Danza Clássica Yasmur. Teatro por uma companhia da Eslovénia, que apresenta "Egoritmi IX", às 22h00, no pequeno auditório do Centro Cultural de Belém.

RECORTE

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTE DA NOVA VIDA
LIGADA AO SECTOR DA INFORMAÇÃO (SINT)

Capital (A)

Lisboa

017

Edição nº 000070 de 5/11/94

A CAPITAL SÁBADO, 5 DE NOVEMBRO DE 1994 2

BIENAL DE JOVENS CRIADORES «INVADE» LISBOA

«VAMOS TER O MAIOR NÚMERO DE ESPECTÁCULOS DE SEMPRE»

A «invasão» promete ser tão pacífica quanto alicante. Já a partir do próximo dia 15 «aterram» em Lisboa perito de 700 artistas, provenientes de 44 cidades de 13 países. Pintores, escultores, desenhistas, actores, escritores e cineastas vão trazer até à nossa capital as suas obras que na maioria dos casos poderão ser apreciadas até 15 de Dezembro. É a sétima Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo, um festival cultural de dimensão «laraónica», cuja aposta principal reside na idade dos seus intervenientes: têm todos menos de 30 anos. A iniciativa chega agora a Portugal e, segundo o seu director, Jorge Barreto Xavier, é ainda mais ambiciosa do que as anteriores edições: «Vamos ter o maior número de espetáculos de sempre.»

A bienal foi ontem apresentada numa singular conferência de imprensa. A organização junta os jornalistas num eléctrico, levando-os até à Cordoaria Nacional, que albergará sobretudo as exposições de artes plásticas, ou seja, o núcleo mais importante de actividades artísticas.

Ao longo da viagem, os responsáveis pelas diferentes áreas de intervenção fizeram pormenores sobre cada uma delas. Jorge Barreto Xavier começou por explicar os antecedentes do «festival»:

«A bienal começou em 85 em Barcelona, tendo desde então passado por Tessalónica, Marselha, Bolonha e Valéncia. A iniciativa irá a Lisboa contornos de jovens que, ao contrário das anteriores edições, não virão cá apenas para passar férias mas também para trocar experiências e verem as suas obras divulgadas junto da comunicação social. O objectivo não é mostrar autores consagrados, mas antes estimular criadores em princípio de carreira.»

A cultura sector a sector

Paulo Gouveia, responsável pelo sector de espetáculos, não revelou pormenores sobre as 54 intervenções previstas, mas sim sobre os locais onde estas decorrerão: «As actuações vão dividir-se por diferentes espaços. No Centro Cultural de Belém vão ser representadas oito peças de teatro e haverá três concertos de música erudita.»

«No Mosteiro dos Jerónimos – continuou – terão lugar, sobretudo, espetáculos de música etnográfica e contemporânea. A dança ficará reservada à Central Tejo, cuja sala de máquinas foi reconstruída para o efecto. No Instituto Franco-Português haverá música e teatro e na Garaje ficará concentrada a música moderna.»

De modo a que os cerca de 300 intervenientes pudessem apreciar os trabalhos uns dos outros, a organização apostou num horário alargado: os espetáculos começarão às 17 horas, prolongando-se até às duas da manhã.

No que diz respeito à música moderna, resta acrescentar que será editado um CD com músicas dos 25 grupos participantes, entre os quais os portugueses Três Tristes Tigres e os Bizarra Locomotiva. Dentro do mesmo espírito, mas no campo da literatura, vai ser publicada

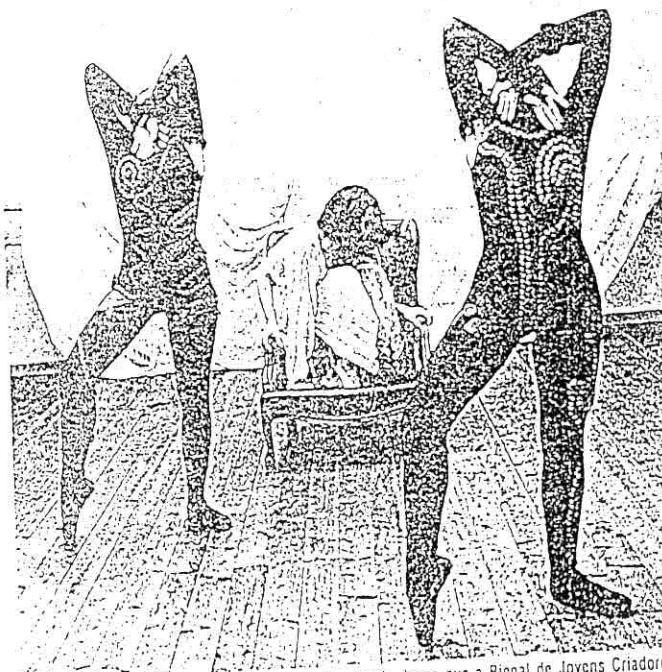
uma colectânea com excertos de livros dos jovens escritores.

Concluído, a parte mais importante das iniciativas vai concentrar-se na Cordoaria Nacional, espaço que, ainda este ano, abrigou a exposição da World Press Photo. Sérgio Trelaut, que em 93 organizou o memorável Mês da Fotografia, ficou responsável por esse «poluoro»:

«Pela primeira vez, vamos concentrar num só espaço todas as exposições», referiu Sérgio Trelaut. «Quem percorrer todo aquele espaço vai certamente ficar cansado de tanto andar. A área ocupada é de cinco mil metros quadrados e ocupa toda a antiga Fábrica Nacional da Cordoaria.»

As 600 obras de 250 artistas são de campos tão diversificados como a pintura, a escultura, a arquitectura, a BD ilustração, o «design» gráfico, industrial e de moda, e ainda a joalharia, a fotografia e as video-instalações.

Uma palavra final para a programação de cinema e vídeo. A organização, em colaboração com o Festival de Cinema Jovem de Valéncia e o Festival de Curtas-Metragens de Vila do Conde, apresentará nove longas-metragens e dez curtas-metragens. Serão ainda mostradas três produções da selecção oficial da bienal e diversos trabalhos em vídeo. Isto isso a ser exibido nos cinemas Kung e na Videoteca de Lisboa.



•Yasmara• faz parte de um dos oito espectáculos de dança que a Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo levará à Central Tejo

RECORTE

CONTRIBUIÇÃO PORTUGUESA DE REPORTES DA IMPRENSA LÍNGUA PORTUGUESA NO SERVIÇO DA INFORMAÇÃO ESPAÇO

Correio da Manhã

Lisboa

318

Edição nº 005677 de 18/11/94

Jovens criadores na Gare Marítima

A Gare Marítima de Alcântara, em Lisboa assistirá, hoje, pelas 22 horas, ao desfile de moda de apresentação da sétima edição da Bienal dos Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo.

Nesta iniciativa participam os seguintes criadores: Ana Rafael Cavaco, Aníbal de Almeida e Maria Gambina (Portugal); Maria Paschalides (Chipre); Cristina Munoz Balano, Núria Liácer Vidal e Isabel Berz (Espanha); Marika Pasqualato/Manente Alessandra, Zoom Ahead Studio, Subrizio Giovanni, Manuela Bonetti e Tamara Negrato (Itália); Luka Zan e Ursula Dras (Eslovénia); Susana Ceple (Crácia); Fotini Toska, Vassiliki Drossou (Grécia).

A entrada do público é livre.

RECORTE

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE MEDIOS DA IMPRENSA LDA
55 ANOS AO SERVIÇO DA INFORMAÇÃO ESCRITA

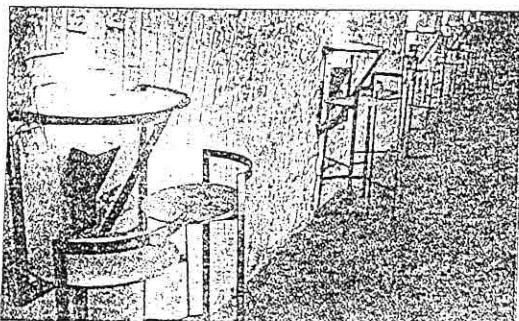
Sete

Listras

265

Edição nº 000645 de 16/11/78

10 GARTEJO SEMPRE EM FESTA



Tem saudades da época em que se dançava ao som dos Village People, Boney M., Sister's Sledge, Ritchie Family, Donna Summer e James Brown? Óptimo. Agora pode matar saudades nas noites de quinta-feira, na ampla pista da Gartejo. Melhor: pode dançar até suar com o extenso menu preparado por conhecidos disc-jockeys, como Kiki Kuski, João Pereira, João Chaves, Luís Oom ou João Vaz. Resta adiantar que, nessas noites revivalistas, tanto o cenário como os principais protagonistas (empregados, porteiros e músicos) estarão vestidos à época. Mas não é tudo. Na bem apetrechada sala de concertos, no primeiro andar, actua todas as semanas um grupo a condizer, As Bocas de Sino. Entretanto, o primeiro andar da Gartejo é, desde o passado dia 15, a sala principal de concertos promovidos no âmbito da realização da Bienal dos Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo. Como o programa é amplo, convém assentar no filofax: dia 16, tocam os Coptic Rian (Eslovénia); a 18, os Gruppo Sanguineo (Itália); a 19, os Mayflower (Croácia); a 21, os Aroma Thalassi (Grécia); a 22, os Uptown (França); a 23, os Três Tristes Tigres; e no dia seguinte, a encerrar a festa, os Bizarra Locomotiva. Para mais informações consulta as páginas dedicadas a este evento nesta publicação.

GARTEJO

Av. de Ceuta, 38-48. Tel.: 3955977/78.

RECORTE

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE REPORTES DA IMPRENSA, LDA.
50 ANOS AO SERVIÇO DA INFORMAÇÃO ESCRITA

Público	
Lisboa	380

Edição nº 001701 de 2/11/94

BIENAL — LISTA COMPLETA — O grupo Coptic Rain, que pratica vídeo-performance” techno-rock, da Eslovénia; os Pit'8, misto de rock, electrónica e música oriental, de Montpellier; os Uptown, banda rap de Marselha; os Modena City Ramblers, “combat folk” irlandês feito em Itália; Mao e la Rivoluzione, “psychosexydance”, isto é, uma misturada de estilos, também de Itália; Gruppo Sangugino, “sentimental-porno”, idem; o coral polifônico argelino Inasliyen; Joanni Peikidis, que faz música electrónica e vem da Grécia; o grupo acid-jazz/funk Aroma Thalassi, também grego; os Mayflower de Rijeka; J.J. Juana, “punk-rock popular possante”, de Almeria, em Espanha, e Es Pecado, de Málaga, são os convidados estrangeiros na área de música moderna da Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo a decorrer em Lisboa, a partir de 15 de Novembro e durante dez dias. Do lado português, estarão representados os projectos Bizarra Locomotiva e Três Tristes Tigres. ■

RECORTE

Público
Lisboa 330
edição n.º 001759 de 21/11/84

LE

Jovens Criadores da Europa



A BIENAL das Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo não chegou a Lisboa na melhor altura. A "rentree" lisboeta está no auge e o público não tem muita disponibilidade para a programação cerrada da Bienal. Mesmo que houvesse (mas não há...) um grande interesse dos órgãos de Comunicação Social pelo evento, a organização não tem sido muito imaginativa na promoção e os espectáculos, nomeadamente os de teatro, não têm tido muito público.

O PÚBLICO conseguiu ver até agora uma única "performance", originária da Eslovénia e integrada na secção de Teatro: chamava-se "Egoritmi IX" e teria sido mais correcto inseri-la na secção de Música. No início dos anos 70, o músico José Alberto Gil (coadjuvado, imagine-se, pelo signatário desta prosa) promoveu em Lisboa concertos segundo o modelo deste concerto-conferência de Marko Poljhan, acompanhado ao clarinete por Grega-Tao Vrhovec-Sambolec.

Os verdadeiros protagonistas da "performance" são dois gravadores: um deles

grava o discurso do "speaker" e a música do instrumentista; logo a seguir, o outro gravador retransmite-a, gerando-se uma multiplicação e uma sobreposição de sonoridades que assim se auto-reproduzem e se auto-anulam. Só que, há 25 anos, nunca passou pela cabeça dos promotores destes divertimentos chamar-lhes teatro. Nem (ao contrário dos jovens eslovenos) se referiam a eles como se de um projecto científico se tratasse.

Hoje, 21, a programação teatral da Bienal fala português. Representa-se "Um Processo", espetáculo do Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC), baseado na obra de Kafka e dirigido por Paulo Lisboa. Entre o muito e bom teatro universitário a que 1994 assistiu, o trabalho do CITAC (que comemora 40 anos de actividade) destacou-se mais uma vez. Foi distinguido pelo Teatro na Década e, daí, transitou para a Bienal. Vão vê-lo hoje ao Pequeno Auditório do Centro Cultural de Belém, às 22h. ■ M. J. G.

10

O teatro dos jovens

ENCREROU-SE, no dia 24 de Novembro, a apresentação dos espectáculos de teatro incluídos na VII Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo, cujas demais actividades se prolongaram ainda até 15 de Dezembro. Constituída por dez espetáculos, três dos quais portugueses (As Troianas, Um Processo e Naque) e os restantes oriundos da Itália (2), São Marino (1), Eslovénia (1), Grécia (1), Espanha (1) e França (1), a mostra era composta de trabalhos escolhidos por um comité internacional integrando representantes dos vários júris nacionais ou de instituições.

Em Portugal, foi o Clube de Artes e Ideias a entidade mediadora da selecção, através do concurso público «O Teatro na Década» — que não deixou de provocar uma certa desilusão.

Não se pense que este estado de espírito foi provocado por um excesso de zelo qualificador ou por um défice de abertura à surpresa ou à irreverência. Pelo contrário. A mediania mais entediante foi nesse o que caracterizou boa parte dos espetáculos apresentados. Com, pelo menos, duas exceções: o espetáculo Naque, do Teatro Meridional, e, num registo menos sofisticado, o trabalho Triki-Trake, pelo grupo homônimo oriundo de Sevilha.

Ora, perante o que vimos (e não vimos), licito nos é inferir, ao menos para fins de especulação teórica, que, se de algum modo pudessemos considerar os espetáculos mostrados como índices credíveis da situação actual da formação e das condições de produção existentes nos países respectivos, mal iria o teatro pela Europa e pelo Mediterrâneo (e bastante razoavelmente por terras de Portugal)... Mas, como tal raciocínio resulta falacioso, passemos ao regime das constatações.

A confusão entre teatro e dança, dança e movimento e conceitos similares — que



SUSANA PAIVA
A proposta dos Triki-Trake, de Sevilha

permitti, por exemplo, o erro da inclusão do incipiente (se bem que fortemente sensual) Fra-Mentí, do Grupo Teatro Dança Pico de São Marino, no sector dos espetáculos teatrais — continua a ser a iônica dominante para os criadores à procura de uma linguagem personalizada.

Tal confusãoreve, no entanto, pelo menos uma virtude: provar que não é teatradança aquilo que, por falta de rigor, de programa, de criatividade ou de qualidade, não pertence a um ou a outro dos territórios. E não deixa de ser curioso que tenham sido justamente os trabalhos menos «radicais» (se é que tal categoria se pode aplicar a qualquer dos espetáculos mostrados) e mais fortemente apostados no «convenicional» e «tradicional» trabalho de actor, melhor dizendo, de comediantes, a ganhar os louros teatrais desta bienal.

Depois do bilingue Naque, que tivemos já oportunidade de reverenciar como um dos mais convincentes e sublimes espetáculos produzidos recentemente entre nós (por um grupo, não esqueçamos, multicultural e plurilingüístico, com formações e «escolas» diversas), os Triki-Trake fundaram a sua proposta na articulação do registo cabarético com o cómico absurdo de raiz beckettiana.

Trata-se de uma linha de certo modo próxima do El Tricicle, um grupo catalão que tem feito «escolas» em Espanha e se caracteriza por uma enorme estilização estética em que a pantomima, as artes do corpo e do círculo e a tradição popular do palhaço se interligam num imaginário profundamente contemporâneo, ou dos populares «clowns» italianos Colomboiani — até agora o «hit» dos Festivais de Outono

94, num espetáculo que fez, aliás, digresão por Espanha.

Pode-se sobretudo constatar a notável formação de base dos jovens actores, muito familiarizados com as técnicas do comediante popular e do «clown» — técnicas que se perdem dramaticamente entre nós, apesar dos esforços de formação levados a cabo pela Escola Profissional das Artes do Espectáculo de Teresa Ricou ou, pontualmente, por actores que se deslocam a escolas estrangeiras de «commedia dell'arte».

Foi igualmente a aposta numa forma de representação centrada na relação actor-público que tornou este espetáculo tão simples (até com algumas insipidezas formais) na proposta mais «interessante» da bienal.

Posto isto, a representação portuguesa terá sido a mais significativa. Apesar de o espetáculo do CITAC, dirigido por Paulo Lisboa, se ter caracterizado por um amateurismo irritante, pese embora a impressiva proposta ceno-plástica os 15 primeiros minutos de mergulho no universo kafkiano, quer Naque quer As Troianas de Elsa Valentim e Maria Duarte conseguiram demonstrar as diferentes vias em que vão laborando alguns dos mais jovens actores de uma certa «fringe» do teatro português.

E finalizaremos assinalando que uma das mais graves ausências desta bienal foi a dos jovens estudantes das escolas de teatro de Lisboa. Se tal ausência não tiver sido simplesmente fruto de um crónico desinteresse, então os promotores portugueses da VII Bienal não apelaram com suficiente eficácia para este público, que devia ser um dos mais naturais interessados no confronto de linhas de trabalho e na discussão de projectos para o presente.

EUGÉNIA VASQUES

Expresso 19

RECORTE

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE MIGRAÇÃO DA FONTEIRA LIDA
10 ANOS AO SERVIÇO DA INCLUSÃO NA CIDADANIA

EXPOSIÇÃO JUVENIL

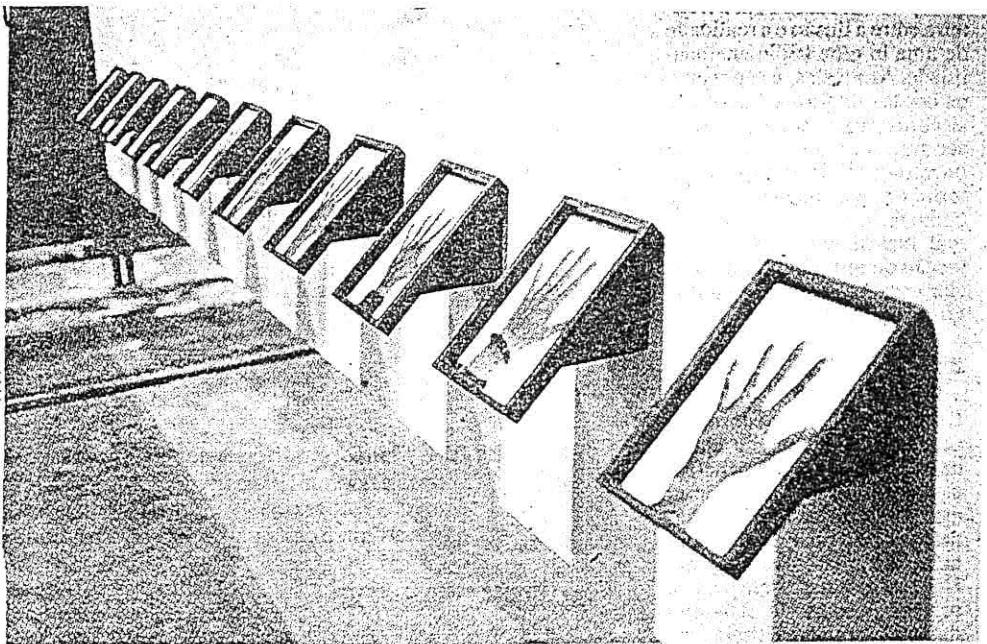
1991

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA

■ BIENAL DE JOVENS CRIADORES

Cordoaria Nacional

Apresentar cerca de duas centenas de artistas da Europa do Sul e do Magrebe, nas áreas de pintura, escultura e instalação, arquitectura, BD e ilustração, «design», moda, joalharia e fotografia num espaço único, assegurando a visibilidade individual e a diversidade das montagens, é uma proeza que aos responsáveis pela Bienal, e aos seus arquitectos, tem de ser creditada. Os artistas são jovens e desconhecidos, seleccionados por critérios variados e apresentados sem as condições de prestígio imediato que lhes asseguraria um qualquer comissário reconhecido. Assim se proporciona uma oportunidade de experimentar a eficácia individual das propostas e a disponibilidade emocional do observador, ao acaso dos encontros possíveis, sem aspirar a qualquer «ponto da situação» ou «jogo de reconhecimentos». Entretanto, é óbvio que várias cidades ou países cuidaram da sua representação — Barcelona, Marselha e Montpellier, a Croácia, Portugal, etc — e que o magnífico espaço da Cordoaria se percorre com agrado. Os desenhos instalados de Vanessa Beecroft, de Milão, a instalação de Marcel Li Antunez, da



Fotografias na Cordoaria: Jovens criadores

Catalunha, com «cabeças arrancadas em êxtase», «poemas de amor» e uma Máquina de Prazer, são presenças que ficam na memória, enquanto no sector da fotografia se encontra uma diversidade de experiências que vem contrapor-se à monotonia obsessiva que agora parece tornar-se regra. (Até 15 Dez.) Na Central Tejo, até dia 30, está uma «bienal off» oficial dedicada à ilustração.

RECORTE

ORGANIZAÇÃO: JORNAL DA REPÚBLICA - DIRETOR: ADRIANO DA MIRANDA - ESPAÇO: CAPITAL (1.º)

ED. 120 - 22 NOV. 1994 - R\$ 11,00

LÍST. 32

317

ED. 120 - 22 NOV. 1994 - R\$ 11,00

VIVER E VIVER

A CAPITAL TERÇA-FEIRA, 22 DE NOVEMBRO DE 1994 31

O INSUBRIA ENSEMBLE DAS 7 ÀS 9 NO CCB

DEPOIS de, no Verão, terem sofrido a "concorrência" de outros espetáculos, também gratuitos mas realizados à noite e no Jardim das Oliveiras, eis que prosseguem ao fim da tarde os Concertos das 7 às 9 no Bar Terraco do Centro Cultural de Belém, hoje com a actuação do Insubria Ensemble.

Cultural de Belém, hoje com a actuação do Insubria Ensemble, vindo de Milão para participar na VII Bienal de Jovens Criadores.

Liderado por Massimo Botter, este grupo de música erudita premiado durante as suas frequentes digressões internacionais, conta ainda com os jovens compositores Luca Belcastro, Nadir Vassena e Matteo Pennese e com os instrumentistas Samantha Zanussso (flauta), Raffaella Quadri (clarinete), Andrea Fornenzi (saxofone) e Anna Pedrazzini (piano).

Do programa fazem parte as obras "Kaleidoscope", de Massimo Botter, "Throwala... TH", de Luca Belcastro, "Ihada", de Matteo Pennese e "Nocturnes I-III", de Nadir Vassena.



O Insubria Ensemble interpreta obras do seu líder, Massimo Botter, e de outros compositores do grupo

SEGUNDA-FEIRA, 21 NOVEMBRO 1994

33

ANOTES

CAFÉ LISBOA ABRE COM DOIS ESPECTÁCULOS DE TERROR NA BIENAL DE JOVENS CRIADORES

Espaço assombrado



► «NOSFERATU», o vampiro de Murnau, vai ser acompanhado pelo Poliploce Orquestra do Chépito, no Café Lisboa

No Café Lisboa, inaugurado com a Bienal de Jovens Criadores, houve alquimistas bicefálos na semana passada. E, até quinta-feira, vampiros músicos vão distribuir albes e cruzes durante a apresentação de «Nosferatu». É o começo negro e terrorífico de um espaço alternativo e anômalo que passou pela televisão. A disposição da vanguarda cultural portuguesa

CATARINA CARVALHO

O CAFÉ LISBOA abre todas as noites no intervalo entre as gravações de programas comerciaisíssimos nos Estúdios Costa do Castelo em Alcântara. Faz parte dos poços da Bienal dos Jovens Criadores do Mediterrâneo. Por isso o espetáculo de abertura foi no dia 15, data da inauguração daquele festival. E o bar, num cenário pós-industrial de máquinas (desativadas) para moldes de gesso, encheu-se de novos artistas. Figuras invariavelmente de preto, da vanguarda cultural.

Este espaço pretende precisamente atingir essa nova élite, que, apesar de fervilhante de ideias, continua a ser «um grupo de pessoas que foram isoladas em Lisboa 94 e não encontraram expressão noutro lado», como diz Fernando Péra, o produtor do Café Lisboa. A ideia de dinamizar um estúdio vulgar de televisão partiu de quatro amigos de áreas diferentes: Paulo Francisco dos Filmes Costa do Castelo, Hermínio Monteiro da Assisio e Alvim, Fernando Péra e Rodrigo Leão. «Este sítio já fazia falta. Não é um rockódromo, mas um espaço alternativo de espetáculos para menos de 300 pessoas, ou seja, sem grande expressão comercial.» Para conseguir uma liberdade que permita projectos diametralmente opostos, arrojados e sem preocupações económicas, há que contrabalançar financeiramente. «Aproveitamos um estúdio de cinema mas tentámos uma ocupação diferente.» As primeiras actividades *Acordei Bicefálico*, de Duarte Barrilero Rias, *Nosferatu*, o filme de Murnau acompanhado pelo Poliploce Orquestra de Nuno Rebelo, seguir-se-ão alguns acontecimentos promocionais, como o lançamento de *O Amor É Fodido*, o novo livro de Miguel Esteves Carvalho, e a festa/concerto de Carlos Zingaro.

Todas estas operações vão lentamente conduzir a um projecto mais sério: um programa de televisão. Fernando Péra é pragmático ao contar a estratégia de um piano elaborado com rigor. «Primeiro é preciso cativar a promoção, depois arranjar patrocínios. Normalmente um programa cultural vai para a TV2, e como se diz que só tem três por cento de audiência, nunca chega a conseguir um orçamento suficiente para fazer algo interessante.» E as privadas? «Se a SIC abdicar das sondagens da Marktest, que duvidamos muito sejam significativas no público que pretendemos cobrir, talvez mude de mentalidade.» E pode ser que o espaço de uma ajudinha, reunindo informalmente as três áreas fundamentais, agências de publicidade, televisões e produtoras.

havia a ideia de criar um local de trocas aberto até às quatro da manhã. «O espírito era reunir a dimensão de 700 malfatos a beber uns copos e a trocar cartões-de-visita.» No fórum de cozedura devia estar o material promocional, além de circular uma folha informativa. Fernando Péra explica a colaboração com este certame: «É uma organização com um espírito muito importante nesta fase do País, tem a ver com outros estatutos culturais e políticos.»

Tal como a Bienal pretende ser uma mostra diferenciada de todos os tipos de ações estéticas, também o Café Lisboa reúne, até agora, produções sem escolha prévia, o que pode ser contraprodutivo. Porque se o espetáculo *Acordei Bicefálico* prometia inovação, acabou por não dar, gorando as expectativas. Pretendia ser teatro neogótico, de pendor esquizofrénico. Muitas palavras interessantes, ditas a maior parte em vídeos fantásticos de Edgar Péra, para muito pouco conteúdo dramático ou minimamente espectacular. Dando quase o que de pior se esperava da curta mas cheia carreira dos participantes, e justificando críticas de dilettantismo sem profundidade.

A Poliploce Orquestra do Chépito prossegue o programa de terror até quinta-feira com uma proposta multimédia ao acompanhar o filme *Nosferatu* de Murnau (1922), integrado na Bienal Off. A combinação faz-se pelo lado expressionista das duas obras. Nuno Rebelo, o director musical, salienta a escolha de «cenas adaptadas a diversas partes do filme; um tema de stress para momentos de velocidade, outro de terror menos ansioso mas mais forte, um alegre e despreocupado e um último melancólico, romântico e triste». Depois o espaço é da improvisação, com «um tocadores que pouco sabem de música, «Resolvemos o problema da parte mais alegra, por exemplo, porque a pianista toca apenas nas teclas pretas.» Antes haverá uma performance vampiresca na antessala, a parte exclusiva de Lisboa num espetáculo que tem vindo sempre a mudar desde que foi apresentado em 92 na Dinamarca. «Eu acho que isto ainda tem muito para dar. Adorava fazer o *Nosferatu* com um piano de cauda, tímpanos e uma orquestra.» Para essa evolução pode contribuir a entrada neste festival, pouco convencional, mas quasi oficial, de «uma série de gente que me interessava que visse este espetáculo e que viesse agora, na Bienal».

Duas ideias num espaço gêmeo do festival mediterrâneo. Sem pressas, o Café Lisboa, assim como à Bienal, pode contribuir para a essencial escola de novos artistas. E basta ver o que nestes 15 dias se

RECORTE

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTE DA IMPRENSA, LDA
50 ANOS AO SERVIÇO DA INFORMAÇÃO ENCRÍTA

Correio da Manhã
Lisboa 310

Edição nº 005677 de 18/11/94

MÚSICA

● Meter água - A música na Bienal dos Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo está representada pelos eruditos italianos do Watermusicduo (19 horas no Mosteiro dos Jerónimos) e pela música moderna do grego Ioanni Peidikis (Instituto Franco-Português às 17 horas) e do Gruppo Sanguigno, de Itália (Gartejo às 24 horas).

Artes e Vidas

NOVO PROJECTO NASCE NO PORTO

Teatro como "arte total"



Fachada do Sá da Bandeira: será que é desta que anúncios como o que se vê à direita vão finalmente desaparecer?

Não obstante as condições actuais claramente adversas (basta ler as muitas notícias sobre dificuldades várias com que se vêm debatendo muitos grupos de teatro), aqui e ali vão sendo anunciados novos projectos de índole teatral. Agora, chega-nos a notícia da criação de mais um colectivo teatral. Chama-se Visões Úteis, e concebe o teatro como "arte total". O Sá da Bandeira, como espaço ideal, é o seu objectivo.

Conceber uma "arte total", adotando o teatro como base referencial, é a proposta de Visões Úteis, um grupo recentemente formado no Porto por elementos oriundos do Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC).

"O nosso objectivo enquanto proponentes de um novo projecto é procurar aplicar sistematicamente, às nuances e espectáculos, o conceito de "arte total", referi o grupo, que se estreará em Janeiro de 1995 com "As Criadas", de Jean Genet.

No seu manifesto, Visões Úteis assume "partir à procura de novas linguagens", dedicando-se à "função básica da arte e à ação formadora da mesma, ampliando as possibilidades do artista".

"Propomos a procura de uma linguagem própria cuja objectivação implica o rompimento com conceitos e pre-conceitos. Isto não significa, no entanto, a assunção de uma postura radical. Interessa-nos muito mais ter uma outra vi-

lo que é efêmero no acto teatral", salientou.

"Conceber a arte como um grande continuum de coisas e partindo do princípio de que não está compartmentalizada", são outros argumentos a que recorre Susana Paiva para explicar a aposta estética do novo grupo.

Das correntes artísticas contemporâneas, os membros do grupo afirmam-se atados pelos movimentos históricos de vanguarda (futurismo, dadaísmo, surrealismo,构成ismo), da escola da Bauhaus e da Pop-Art, cujo inspirador foi o norte-americano Andy Warhol.

Assumindo-se como um projecto profissional, Visões Úteis é uma colectividade formada por antigos membros do CITAC e integrantes das suas últimas produções - "Os Olhos" e "Um Processo", recentemente seleccionada para a Mostra dos Jovens Criadores da Europa do Mediterrâneo, a decorrer em Lisboa. Quase todos eles interrompem os seus cursos na Universidade de Coimbra (Psicologia, Direito ou Ciências) e mudam-se para o Porto, cidade que consideram com "condições ideais para um projecto artístico se desenvolver".

"Usar o teatro"

Susana Paiva, fotógrafa e fundadora de Visões Úteis, disse à agência Lusa que faz parte dos propósitos do grupo "utilizar o teatro" para aplicar outras áreas artísticas de forma complementar.

"É intenção, criar "instalações" alusivas às peças produzidas, que serão apresentadas como "processo de criação e prolongamento daqui-

mentre em "companhia residente" do Teatro Sá da Bandeira, caso cheguem a bom termo as negociações em curso. Além de "As Criadas", de Jean Genet (com estreia em Janeiro), pretende levar à cena ao longo de 1995 "Guerreiros da Bagunça", do brasileiro Guto Greso (Fevereiro), "Maria não me mases que sou tua mãe", de Camilo Castelo Branco (Junho) e "O Desespero do Desencontro", uma dramaturgia colectiva do grupo (Outubro).

"Guerreiros da Bagunça", a apresentar em estreia mundial, é uma peça infantil inspirada no idílio clássico "Romeu e Julieta" (de Shakespeare), onde surgem como protagonistas crianças de bairros de "mestiços de rua" que sobrevivem nas metrópoles brasileiras. Por seu turno, a encenação de Camilo Castelo Branco pretende ser uma leitura pessoal da obra, com recurso a uma "determinada linguagem clownesca", preparada para exibição em espaços urbanos.

Paulo Lisboa, membro da Companhia Absurda (Brasil), é o encenador escolhido para as primeiras produções do grupo. Como fundadores da associação e integrantes do elenco de actores aparecem Ana Vitorino, Catarina Martins, João Jesus, Lucinda Gomes, Nuno Cardoso e Pedro Carreira. Susana Paiva é a responsável pela fotografia e Albrecht Loops, pela criação musical.

Em busca
do Sá da Bandeira...

De acordo com Susana Paiva, Visões Úteis poderá vir a transformar-se brevemente

17.11.94 Cm 29
17.11.94 Cm 29

PT

Na próxima 4.ª feira (dia 23), que o «13.º Festival da Banda Desenhada Lisboeta» vai abrir as portas ao público interessado. Tal evento reúne, tal como nos últimos anos, Palco da Independência - Largo do S. Domingos, 11 - Lisboa - Lapa, terminando às 26 (domingo). O Festival é organizado pela Clube Português da Banda Desenhada, com o apoio da Generalitat de Catalunya e da Junta de Banda Desenhada (JBD), Instituto da Juventude, Junta de Reguimento Americano, Museu da Cidade, Museu dos Artes e Memória.

Embora seja o dia mais dedicado ao Festival que se tem realizado no nosso país (o 12 de Maio de 1982), evidentemente que esse não passou de particularmente, do que se realizou recentemente na Avenida Almirante Reis, mais modesto, mas possuindo o particularmente de distinguir-se entre as suas realizações, os Prémios «O Mosquito» e «A Vintimila», que distinguem estímulos, estudos e pessoas que se destacaram no ano transato no campo editorial que se dedicou ao Heróis da Quadrinhos. Esses são prémios que igualmente honraram Portugal, indicando a seguir aqui, para o programa deste Festival, com todos os condizências, o clímax mais gênero de inovação:

Programa Festival

Da 26 - das 15h00 às 17h00
Crítica do BD em Portugal (Góisquel)

Qualidades, defeitos, imidações. Um critico e um elemento importante para a evolução e valorização do BD?

Onde acaba a tarefa do crítico e começa a do divulgador?

Críticos e/ou divulgadores participantes: António Saravá (Bitz), Carlos Pessanha (Público), João P. Bento (Expresso).

Moderador: Góisquel, Lino (Casa das Artes).

Da 26 - das 17h30 às 19h00
Vendas de tiranches originais da Banda Desenhada "Sai de Viver-Peon" das 17h30 às 19h00

Sessão solene da entrega dos troféus «Mosquito» e «A Vintimila».

Trofeu «Mosquito» - 1.º Pelô Conjurado do Olho; 2.º Melhor Álbum do BD Português 93 (Premio à Entrega); 3.º Valores Azuis; 4.º Melhor BD 93; 4.º Melhor Autor Português 93; 5.º Acumulamento Português do BD 93.

Trofeu «Vintimila» - 1.º Melhor BD Português Não Publicado. Inicialmente em Álbum 93; 2.º Melhor Fanzine Português do BD 93; 3.º Valores Estudo do Autor Português sobre BD.

EXPOSIÇÕES

Com entrada gratuita, todos os dias véspera das 15h00 às 19h00, e das 26 e 27 (sábado e domingo) das 15h00 às 20h00, estarão patentes ao público as seguintes exposições:

1.º Carlos Alberto na BD; 2.º Anil-1º episódio; 3.º Victor Mosquita e a Ilha da Bruma; 4.º As Falanges de BD-Critica e Divulgação na Imprensa; 5.º Anil BD Três, fanzine BD; 6.º Como Nasceu e Viveu o Mosquito-Um Emily Sobre BD; 7.º Representantes Portugueses da BD nas Bienais dos Jovens Criadores da Europa e do Mónaco; 8.º Fernando Morais, Miguel Branco, Vânia Colombo, António Jorge Gonçalves, Fernando Braga, Henrique Abreu, Pedro Burros e Fernando Martins; 9.º Apresentação do aparecimento das revistas Pichas (28 Out. 94) e

Festival de Banda Desenhada regressa a Lisboa em 13.ª edição

Trib. 11 Out. 94, p. 26 alcunias de Gachetina Andrade (Alvor 54) da Pichas e Tida, estes também editados paralelamente na revista de 1994, 5.º

Foto de Fanzines «Flaviano igualmente uma Fazenda Fanzines», onde a visita destas poderia ter acesso a algum material recente ou antigo destes criadores, bem como as publicações do CRPD.

NOVIDADES EDITORIAIS PORTUGUESAS ÁLBUNS DA ASA

Neste momento no tempo duas editoras dedicadas em pleno ao lançamento de algumas obras estampadas e portuguesas de Banda Desenhada e uma outra, recente, a Livraria Bertrand, que tem publicado algum material de genro, embora em presta qualidade. A Atésteira Lito continua a trabalhar neste campo, mas a ASA não deixa de alunos vez por outra, que se apresentam com as suas ideias, principalmente de autores portugueses, como o, recentemente, o caso. Mais artes doidas, não queremos deixar de falar da nova edição estreante da ASA, que passa a título de:

«A Malaposta do Rei Feito». Trata-se de um volume da série «Os Países Perdidos», a partir de um romance de J. L. Foncada, com desenhos de R. Freitas, argumento de J. L. Di Giacomo e cores de A. M. D'Autouray. O tema apresenta-nos cinco jovens escuteiros que vivem uma aventura cheia de peripécias e emoções. O texto pertence à escola franco-briga e é agradável de ser apreciado.

No seu conjunto, a obra oferece qualidades. «A Casa da Azenha». Aí, num dúvida, uma grande surpresa, no campo editorial português de Banda Desenhada. «A Casa da Azenha» de Victor Peon, foi inicialmente publicado na revista «O Mosquito», em 1949. Na álbuns, num período áureo do romance policial negro, esta história vira a página, numa assombrosa sucessão. O texto pertence a Victor Peon também, entretanto no arti-

go 26 introdução a esta edição, em autoria do Dr. Dias de Deus, este faz o relato que Hau, Correia (na altura Director Editorial de «O Mosquito») fez, dando uma «enunciatura» no mesmo, uma opinião entre contemporâneos pleonâmica. Assim, quase tudo o que se publicitava nessa altura na revista era corrupto, indecente, obsceno, anticlerical e lascivo, só a revista de Banda Desenhada não podia, que se pudesse no resto para.

Cultivou Lapey e a autora das cores, de todas as maneras, em particular, já que a maioria é sua autoria, uma abordagem à tinta ou cor. Tudo isto é uma crise a não perder.

O Corvo - Era a maior obra portuguesa editada pela ASA. Da autoria de Luis Louro, «O Corvo» é certamente a história de Vintimila, que se instala em Lisboa - o pensa como ladrão e cravo, com a ajuda de uma fêmea velha. Transferido com o seu traje de homenzinho, os ossos encravados à madeira os lehados de Lisboa. Até quando?

Luis Louro nasceu em 1965, em Lisboa. Começou a publicar BD em 1984, em «O Mundo de Aventuras» e «Tabloide» (Diário Popular), onde apareceria pela primeira vez a sua personagem «Jim do Minho».

Os álbuns de «Jim do Minho» (a preto e branco) são publicados de 86 a 90, pela Editorial Fidela. A partir desta altura passa a publicar com a ASA (a cores) as séries «Homen e Fogueiro» e «Jim do Minho». Em 1993 representa Portugal num projeto de TV em Barcelona, com Daniel Torres, «A Gostosinha, M. Sennheiser, Giordano, etc.

Foi premiado pelo CRPD com o troféu «O Mosquito» em 1995 («Revistação BD»), em 1997 com «A Vintimila» (A Melhor BD) e em 1999, 1991 e 1993 com «O Mosquito» de novo, para os três álbuns da série «Roques e Fogueiro», como «O Melhor Álbum do Ano».

Nota: os premios referem-se ao ano anterior ao do Festival.

42 QUINTA-FEIRA, 17 DE NOVEMBRO DE 1994 A CAPITAL

Texto de PAULO REIS

Curtas metragens na Bienal de Jovens Criadores

«ELÉCTRICOS» MOSTRA NOVA ORIENTAÇÃO DA ESCOLA DE CINEMA

UM estudante de Direito obcecado por eléctricos que abandona os estudos para se tornar guarda-brilho é o ponto de partida da «Eléctricos», curta metragem da ficção de Pedro Sena Nunes que hoje, às 23 horas, abre no cinema King o programa colectivo da secção de cinema da 7ª edição da Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo. Protagonizada por João Reis e Rita Loureiro e com participação de Fernanda Lapa e José Eduardo, a película – com a duração de 10 minutos e rodada em 16 mm – é uma apassionada incursão na doçura do mais antigo meio de transporte lebosta ainda em actividade, o velho «amarelo da Carris», cada vez mais próximo do extinto absoluta.

Depois da «Eléctricos», serão exibidas no King outras curtas-metragens de autores portugueses: «Guerra e Paz» de Edgar Póvoa, «A Noite Sali à Rua» de Abí Feijó e «Santa Maria» de Nuno Leoni.

Rodado interamente em Lisboa, «Eléctricos» marca também a nova orientação seguida pela Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC) no que diz respeito à promoção dos jovens talentos que de lá saem, tendo sido um dos dois primeiros filmes ao qual foi dado a designação de extracurriculares, ou seja, como define o realizador, «feito com um só na escola e outro fora dela; uma maneira de fazer desde logo cinema com carácter profissional e sobrevalorizar o trabalho em equipa». Numa comparação musical, «pode ser chamado um filme de "garagem", de onde possivelmente sairia uma boa maquia», acentua Pedro Sena Nunes.

Apesar de poder ser considerada como uma obra do autor, «Eléctricos» é, como refere o realizador, «propriedade da ESTC e a sua vida futura

dependerá exclusivamente da vontade dos responsáveis pela escola, de quem espero que promovam o filme da melhor forma». Aliás, para Pedro Sena Nunes, «a razão da existência de filmes extracurriculares, depende interamente da maneira como a Escola os promover, já que não se trata de um mero exercício destinado a arrumar na gaveta», acrescenta.

Génese difícil

A partir de uma ideia original de João Natividade, que escreveu o argumento a meias com o realizador, «Eléctricos» surgiu, na linha do que acontece com a generalidade do cinema português, uma génese difícil. Rodado em Outubro de 1993, e financiado pelo antigo Instituto Português de Cinema, com os apoios da Câmara Municipal de Lisboa, Videocine e numa estadia menor, da Lisboa 94, a película poderá ser hoje vista, segundo Pedro Sena Nunes, graças à sua dedicação e à de Emílio Buchinho, director de som e autor da banda sonora.

«Foram dois anos desde que se começou a escrever o argumento até à pós-produção final e eu fui mesmo obrigado a pôr dinheiro do meu próprio bolso», admira o jovem (de 26 anos) cineasta, que para já, a seguir à Bienal, vai ver a sua obra ser exibida nos Encontros Internacionais de Cinema Documental, no Teatro da Maipasta, e na Videoteca Municipal, deixando ao cuidado da Escola Superior de Teatro e Cinema a carreira futura da sua película.

Sobre o enredo da «Eléctricos», Pedro Sena Nunes prefere não adiantar muito, num convite ao seu visionamento. «A opção de Pedro [interpretada por João Reis, proximamente em cena no Teatro Nacional D. Maria II na peça "Os Jornalistas"] vai desestabilizar a sua relação com os pais (Fernanda Lapa e José Eduardo), e com a namorada (Rita Loureiro).»

Diversificação

Pedro Sena Nunes saiu da Escola Superior de Teatro e Cinema há dois anos e desejou aí a sua vida profissional bem-sido dividida por diversas áreas. O seu filme final de curso, intitulado «Nunca mais Te Lírias de Mim» e interpretado por Maria de Aires e Rita Loureiro, foi exibido em 1993 no Festival de Vitoria (Espanha) e já este ano no Festival de Tel Aviv (Israel), tendo à altura da sua produção, constituído uma in-



João Reis e Rita Loureiro são os protagonistas de «Eléctricos», curta metragem de Pedro Sena Nunes a exibir hoje no âmbito da Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo.

vacção na ESTC na forma como foi apresentado o genérico, intercalado em vez de cômico, quebrando assim um dos dogmas daquela instituição de ensino.

Seguidamente, rumou até Barcelona, onde, no Centre Calassanç, considerado a melhor escola de cinema de Espanha, aperfeiçoou-se em realização em documentário, ainda lhe sobrando tempo para ser o responsável pela imagem do Teatro Meridional, para fazer vários «spots» publicitários para a Comuna, Teatro Meridional e Teatro

Nacional D. Maria II e, finalmente, ser um dos três convidados das Festas Lisboa de 1992 e 1994. Na de Pedro Sena Nunes – só diz influenciado por nomes distintos como Mai Ziad, Leos Carax, Buñuel, Kiarostami e Bresson –, outros projectos, um deles obra documental a ser feita em Trás-os-Montes.

RECORTE

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTE & DA IMPRENSA, LDA

50 ANOS AO SERVIÇO DA INFORMAÇÃO PORTUGUESA

Público

Lisboa

350

Edição nº 001716 de 17/11/94

A propósito da Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo, há dança hoje para ver na Central Tejo pelas 20h30. Um espectáculo a cargo da Companie Monica Francia (Croácia). Ainda integrado nesta bienal, no Instituto Fran-

co-Português (17h) e no Mosteiro dos Jerónimos (19h) realizam-se dois concertos de música erudita contemporânea.

Capital (A)

Lisboa 317

Edição nº 000361 de 16/11/74

10

«ESPAÇO PARA A IMAGINAÇÃO E CRIATIVIDADE SEM LIMITES»

VII BIENAL DE JOVENS CRIADORES ABRE COM MÚSICA PARA BRINQUEDOS

«Espaço para a imaginação e criatividade sem limites», segundo a secretária de Estado da Juventude, Maria do Céu Ramos, é relevante a grande importância, nas palavras de Vitor Constâncio, presidente da Sociedade Lisboa 94, no que toca a «apoiar a nova produção artística e cultural». A VII Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo, para a qual foi decisiva a intervenção em parceria daquelas duas entidades, foi ontem inaugurada oficialmente na sala do refetório do Mosteiro dos Jerónimos.

Estavam presentes na mesa de honra, para além das citadas individualidades, o presidente do Comité internacional da Bienal, José Murta Rosa, e o presidente da edição deste ano, Jorge Barreto Xavier, que, antes de usarem também da palavra para os agradecimentos e apresentações da plateia perante representantes do corpo diplomático e diversos jornalistas dos países representados no certame, assistiram a um concerto bem ilustrativo do espírito da bienal. Do factor, o Ensemble J.E.R. (José Lopes, Francisco Suspiro, José Manuel

Freire, Armando Pereira e José Eduardo Rocha) interpretou repertório para instrumentos musicais e brinquedos de plástico — nomeadamente clarinete Antonelli, trompete Bonatti, clarina Hohner e violino Chicco, e apitos simulando o canto de pássaros, para além de uma panóplia de outros — onde não faltaram obras de Stravinski, Vianna da Mota e Zeca Alonso, e originais como o Madrigal nº 2 para Clarina Hohner e Coro Ornitológico, todas aplaudidas pela assistência, que não distorceu os sorrisos.

Foi o primeiro de uma série de mais de 40 espetáculos em diversos géneros, envolvendo mais de 300 intérpretes, a efectuar durante a bienal, que se prolonga até 15 de Dezembro.

Depois dos discursos oficiais, passou-se à visita da exposição na Garearia Nacional, cujos mais de 5000 m² comportam 600 obras de cerca de 250 artistas, com menos de 30 anos, provenientes de 13 países da Europa e Magrebe, nas áreas da pintura, escultura, instalação, arquitetura, banda desenhada e ilustração, «design» gráfico, industrial e de moda, joalharia, fotografia, e vídeo-instalações.

A meia-noite foi a vez do teatro se estrear, com a apresentação, no Café Lisboa, do espetáculo do Teatro Anatómico, «Ácoros Biéfalo», peça interpretada por

David da Almeida e por Duarte Barnardo Ruas, e encenada por este último. Apoiada em filmes de Edgar Pêra e música de Carlos Singaré, a peça, em cena até sexta-feira, conta um ambiente de ficção científica de terror, a história de um alquimista que se transforma, após uma exploração no seu laboratório, num ser monstroso com poderes desconhecidos.

A mesma hora, na Garaje, subiu à banda italiana Mao e La Rivoluzione, de Turim, apresentar o som da sua «PsycoSexyDanza».

Dança, moda, cinema, vídeo, literatura, conferências, reuniões e outras actividades completam o certame, onde haverá ainda, um pouco à margem do evento principal, espaço para uma Bienal Off, dedicada ao desenho de ilustração e às músicas radicais.



No espectáculo de abertura da bienal, o Ensemble J.E.R. interpretou música para instrumentos e brinquedos de plástico

Correio da Manhã

Lisboa 318

Edição nº 005674 de 15/11/94

6



SUGESTÕES

As actividades integradas na Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo animarão com o seu talento alguns espaços lisboetas.

ARTE MEDITERRÂNEA EM LISBOA

Cerca de 650 jovens oriundos de diversos países da Europa Sul e do Magrebe vêm até Lisboa participar na 7ª edição da Bienal de jovens Criadores. O Programa, que tem hoje início, é preenchido, até 24 de Novembro, por exposições de trabalhos em diferentes áreas. Teatro, Cinema, Música, Dança, Literatura, Artes Plásticas, Design, Fotografia, Moda, são algumas delas. O Festival assentou praça no pavilhão da Cordoaria Nacional, à Junqueira. A acção, integrada na Lisboa 94, tem a organização do Clube Português e Ideias, da Bienal de Jovens Criadores da Europa e Mediterrâneo e o Instituto Português da Juventude.



Sandra Costa

A Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo nasceu da tradição cultural de Barcelona, cidade que durante os anos 80 se afirmou com novas tendências de arte. Em 1985 é organizada nessa região castelhana a primeira Bienal. A iniciativa, palco de grande entusiasmo, teve a colaboração de autarquias, governos e associações culturais de muitos países do sul da Europa. A cidade espanhola tentou monopolizar a iniciativa tornando a Bienal um certame onde convergiam culturas mediterrâneas, proposta que desagradou às outras cidades participantes. Assim, a Bienal começou a ter lugar, alternadamente, entre Barcelona e outra cidade. Tessalónica 86, Barcelona 87, Bolona 88 foram as iniciativas que decorreram até 1988, altura em que o Comité Internacional quebra o ciclo levando a Bienal até Marselha, sem passar por Barcelona. Depois de organizar sozinha a Bienal de 89 e cortar o financiamento, Barcelona abandona o Comité Internacional. À parte estes contratempos, a Bienal começo a ganhar prestígio. Os ciclos de conferências com intelectuais do gabarito internacional, a apadrinhado o Presidente Mitterrand em 90 (Marselha), e o Príncipe de Espanha em 92 (Valência).

são alguns dos motivos que envaidecem o evento.

A vez de Lisboa

Produzida pela primeira vez por uma entidade privada — o Clube Português de Artes e Ideias — a Bienal 1994 pretende ser um encontro de pessoas de diferentes áreas artísticas, permitindo um diálogo entre os participantes. O certame procura abrir os horizontes à promoção e afirmação dos jovens artistas, promovendo ao mesmo tempo a troca de conhecimentos culturais entre as nações presentes. Segundo Jorge Barreto Xavier, presidente da instituição organizadora "a Bienal é um acontecimento de massas que, até ao presente, se afirmou mais como acontecimento mediático do que como momento de Cultura". Apesar dos obstáculos que se proporcionam, nomeadamente a falta de investimentos financeiros que permitem mostrar o trabalho de jovens artistas em início de carreira, a Bienal continua a ser um encontro de Arte, de promoção e animação das cidades que a recebem.

A arte acima de tudo

O pavilhão ribeirinho da Cordoaria Nacional encheu-se de vida e de talento. Trabalhos de arquitetura, fotografia, artes

plásticas entre outras áreas decoraram o espaço.

Os setenta jovens que compõem a seleção portuguesa, estão confiantes de que a participação na Bienal possa ser uma porta aberta ao futuro profissional, já que em Portugal são poucas as apostas neste campo. Só para falar de alguns artistas portugueses participantes, dá-se como exemplo a Ana Paula Cabral, com uma capa de revista imaginária; António Farinha, está presente com o "Alhpa-Beto". Plácido Afonso irá um "Talker", Elisabeth Almeida apresenta uma fotografia com efeitos gráficos. Carla Machado uma colectânea de contos "Os Olhos e as Mãos". Daniel Gala a obra literária "Sete Vezes Um" e Maria Duarte e Elsa Valentim a peça teatral "As Troianas", entre muitos outros.

Mas a Bienal 94, não se esgota nas quatro paredes da Cordoaria Nacional. A cultura mediterrânea vai sair à rua com música, cinema, vídeo, teatro, exposições e conferências. Filmes como "Guerra e Paz" de Edgar Pére, "À La Belle Étoile", de Antoine Desrosiers podem ser vistos de 16 a 24 de Novembro no Cinema King. Os espectáculos de música, teatro e dança, terão lugar na Gartejo, no Mosteiro dos Jerónimos e na Central Tejo. Os colóquios, reuniões e conferências têm lugar marcado para o Centro Cultural de Belém. Sob a protecção dos jovens criadores vão ainda decorrer outras manifestações culturais designadas "Bienal Off". As actividades centram-se em ilustrações e músicas radicais. A iniciativa é repartida pela Central Tejo e os Estúdios da "Costa do Castelo" - Café Lisboa.

Entra de borla na Bienal

O Clube Português de Artes e Ideias e o Jornal Forum Estudante não querem que fiques de fora das actividades lançadas pelo programa da Bienal de Jovens Criadores. Se queres assistir ao desfile de moda que vai ter lugar na Gare Marítima de Alcântara, no dia 18, aparece na nossa sede (Rua do Comércio, nº 8) com a revista Forum Estudante de Novembro. Temos 20 bilhetes para oferecer, com direito a duas entradas cada. Se preferes a música podes ir a um dos concertos na Gartejo com: "Mao e La Rivaluzione" (dia 15), "Coptic Rain" (16), "Gruppo Sangüino" (18), "Mayflower" (19), "Pit" (8), "Duo Rock" (20), "Aroma Thalassí" (21), "Uptown" (22), "Três Tristes Tigres" e "Bizarro Locomotiva" (23). As condições de participação são as mesmas. Mas atenção. Só há 10 bilhetes e vais ter de optar entre a moda e a música, pois quem ganha um bilhete não tem direito a mais nenhum.

Série	
Definição	540
Edição nº	000024 de 15/11/94

BIENAL DO MEDITERRÂNEO TODOS AO MOLHO



O programa da Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo arranca hoje. Durante duas semanas, Lisboa vai poder assistir ao trabalho dos vencedores nas áreas de cinema e vídeo, música moderna, jazz, música erudita contemporânea, dança, intervenção urbana, teatro, moda, fotografia, arquitetura, B.D., artes plásticas, gastronomia e não se ficam por aqui. Ao lado, são as obras de sete artistas de sete países que vão estar em foco nos náuticos da capital.

MÚSICA MODERNA

Sempre às 24h00 e na Gartejo, hoje, dia 15, tocam os Mao e a Rivoluzione, um grupo que vem de Itália para nos mostrar a música que fazem e que qualificam de «Psi-coSexyDance». Antonti é a vez da Eslovénia mostrar o que vale com os Copic Rain, cuja espectáculo é qualificado como video-performance. Sexta-feira, Itália volta ao palco da Gartejo com o Gruppo Sanguigno, um grupo que se define como a fusão de todos os géneros musicais, com predominância para o rock, blues, funky e rap. Sábado tocam os Mayflower da Croácia que, segundo o programa da Bienal, «trazem-nos o som da música moderna que se faz no antigo Jugoslávia». No dia seguinte canta-se em francês com os P.M.P. Dua Rock, com influências que vão desde o rock às músicas orientais. Segunda-feira, a Grécia invade a Gartejo com o grupo Aroma Thalassi que tocam desde funk até acid jazz. Terça à noite é mais rap à francesa com os Uptown. E depois, chega a vez dos portugueses. O júri da Bienal seleccionou os Três Tristes Tigres (na foto) que se apresentam na quarta-feira na Gartejo, seguindo-se-lhes os Bizarro locomotiva no mesmo dia. Dia 24, a noite começa mais cedo e em espanhol: às 23h30, primeiro com os Es Peccado (uma mistura de efeitos visuais e auditivos) e depois JJ.Juan, um grupo definido por um crítico musical espanhol como «punk-rock popular possante». A ver vamos.

INTERVENÇÃO URBANA

«Lovecraft escreveu dezenas de contos, centenas de milhares de cartas, estruturando um enigmático puzzle de deuses e demônios, cujo nome forma os homens esqueceram na desmagnetizante Estrada da Amnésia Temporal». É deste modo que Wallenstein inicia a narração que dá a linha condutora do vídeo de Edgar Péra, um vídeo que surge como uma resposta à proposta de trabalho de Duarte Barrilero Ruas, um dos vencedores desta Bienal de Jovens Criadores da Europa e Mediterrâneo no sector de intervenção urbana. Barrilero Ruas propôs a realização de um Diário Autópsico das Horreiras de Howard Phillips Lovecraft, com o título «Acordei Bicafalo» composto por um espetáculo de teatro. Edgar Péra andava a pensar fazer um vídeo sobre este autor. Uniram esforços e a resultante vai poder ser vista no Café Lisboa, Estúdio Costa do Castelo (nas traseiras da Gartejo, em Alcântara) a partir de hoje e até dia 19, sempre às 22h.

Acordei Bicafalo conta a história de um alquimista que, numa ocidental mistura líquida, origina uma explosão

que o transforma numa criatura mostruosa. De Lovecraft diz Edgar Péra que «o ir para Nova Iorque por dois anos quase enlouqueceu e transformou-se num ser ainda mais mesquinho do que já era e com um grande ódio a todos os seres. A mitologia de Lovecraft é das mais antigas da história da terra. É baseada em deuses que existiram antes dos homens e cujos segredos foram revelados pelos sonhos dos cadáveres que jazem debaixo da terra».

Um teatro que conta com o filme realizado por Edgar Péra e narrado por Wallenstein a dar mais imagem e a complementar a performance dos dois actores, Duarte Barrilero Ruas e David de Almeida. Ao fundo, a música de Carlos Zingaro a dar o tom ao espectáculo.

CINEMA E VÍDEO

De 16 a 24 de Novembro os cinemas King apresentam os filmes vencedores desta Bienal, sempre às 23h00. De 17 a 24, na Videoteca de Lisboa, podem assistir à retrospecção do trabalho de seis realizadores seleccionados pela Bienal, são eles: Francisco Ruiz de Infante de Espanha, Eder Santos do Brasil, Robert Cohen de França, Irit Batsry e cinema José Luis Lozano e Edgar Péra. A entrada é livre.

Destas programações destaque para a sessão especial do filme «Nostoclu», de Murnau, acompanhado ao vivo pela Palácio Orquestra, dia 21, no Café Lisboa.

MÚSICA ERUDITA CONTEMPORÂNEA

Os concertos têm início marcado para dia 17 e prolongam-se até dia 24. O Centro Cultural de Belém, o Mosteiro dos Jerónimos e o Instituto Franco-Português foram os palcos eleitos para a apresentação dos jovens vencedores nesta área. Mas vamos por partes.

No Mosteiro dos Jerónimos, sempre às 19h00, na quinta-feira, actuam o Na Quartet, de França. Sexta é a vez dos Watermusicduo, de Itália, sábado os Cinqui So, de França, domingo os Nacer Eddine Chaquili, da Argélia, e na segunda-feira é a vez dos portugueses Viríol, enquanto na terça toca o Tobir Percussion Ensemble, de Espanha.

No C.C.B., integrado nos concertos das 19h00 às 21h00, dia 21 toca Francisco Seco Miguez, de Espanha, dia 22 o Unsabu Ensemble, de Itália, e dia 23, o Quarteto Egon, também da Itália.

No Instituto Franco-Português, dia 17, às 17h00, tocam os Betontrak, Quarteto de Enzo Fabiani, Milja Vrhovnik-Smrak, da Eslovénia. Dia 19, à mesma hora, é a vez dos Modena City Ramblers Combat Folk, de Itália. Dia 24, Portugal vai-se fazer ouvir através de Tiago Cutileiro & L'Orchestre Cassée.

TEATRO

De 17 a 24, no pequeno auditório do Centro Cultural de Belém, são apresentadas as peças vencedoras desta Bienal, sempre às 22h00, com exceção para o dia 20, em que o grupo de Teatro Samari, de Itália, apresenta a peça «A Feiticeira», às 16h00. De Portugal vamos poder assistir à peça «As Troianas», de Jean Paul Sartre, no dia 17, «Um Processo», de Franz Kafka, no dia 21 pelo Círculo de Coimbra, e ainda «Nôque ou Sobre Molhos e Actores», de José Sanchis Sinisterra, pelo Teatro Meridional de Lisboa, no dia 22.

Nos dias 16 e 22, sob o pano no Instituto Franco-Português, com duas peças, uma de Itália e outra de França, sempre às 21h30.

MODA

Dia 19, às 22h00, o Centro Cultural de Belém abre as portas para a apresentação das Coleções Verão 95 da Seleção de Designers de Moda à Bienal de 94.

Os jovens criadores portugueses presentes nesta apresentação são António Almeida e Maria Gombaro do Porto e Ana Rafael de Lisboa.

Público

Lisboa

380

Edição nº 001711 de 12/11/94

10

Teatro

Intervenção urbana de Duarte Barrilaro Ruas

Gótico, gigante, acrobata e bicéfalo



Começa hoje, em Lisboa, a Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo, que (Lisboa 94 "oblige") decorre na nossa capital, depois de, nos anos anteriores, se ter realizado em Tessalónica, Barcelona, Marselha, Bolonha e Valência. As dez manifestações teatrais propriamente ditas da Bienal têm lugar no Centro Cultural de Belém e no Instituto Franco-Português. Exactamente no primeiro dia, estreia uma "intervenção urbana", espectáculo multimédia com forte carga teatral. Duarte Barrilaro Ruas, o mais acrobata dos actores portugueses (como sabe quem o viu no "Povo das Chuvas Ácidas" ou em "Os Homens"), é intérprete, autor e encenador. Carlos Zíngaro compôs a música e Edgar Pêra concebeu os filmes cibergóticos que são projectados durante a "performance", que se baseia num texto fantástico-científico de Howard Philips Lovecraft. No capítulo das "intervenções urbanas", a participação portuguesa é reduzida e tem mais a ver com artes plásticas do que com teatro; o que vale a pena é seguir a participação francesa, argelina, croata e italiana — de Turim, vem o Teatro dell'Acqua, que se propõe celebrar (com a ajuda do público) um auto-de-fé no Mosteiro dos Jerónimos, na noite de 23 de Novembro. M.J.G.

ACORDEI BICÉFALO

AUTOR/ENCENADOR DUARTE BARRILARO RUAS A PARTIR DE H. P. LOVECRAFT
COM DUARTE BARRILARO RUAS E DAVID DE ALMEIDA
CAFÉ LISBOA (R. Vieira da Silva, 17). De 15 a 19 de Novembro, às 22h.

RECORTE

ORGANIZADA PELA CPAL, A BIENAL DE JOVENS CRIADORES DA EUROPA E DO MEDITERRÂNEO

52 ANOS AO SERVIÇO DA CULTURA PORTUGUESA

Sete

Lisboa

1994

Edição nº 000007 de 9/11/94

10



LIMITS, UMA OBRA
DE PAULO SCAVULLO



criadores invadem Lisboa GERAÇÃO DE ARTISTAS

A Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo está em Portugal pela primeira vez. A partir do dia 15 até têm uma oportunidade única para os novos mostrarem o que valem.

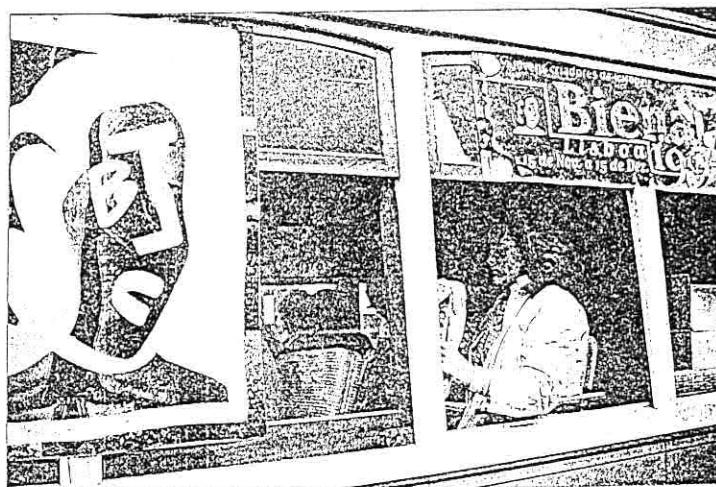


FOTO DE PEDRO SANTA BARBARA

Genre até 30 anos, com ideias na cabeça e vontade de as levar para a frente. Este é o perfil indicado para responder a um desafio chamado Bienal dos Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo. Vai na sua sétima edição e esta é a primeira vez que decorre numa cidade portuguesa, depois do seu arranque em Barcelona, em 1985. O Clube Português de Artes e Ideias organizou a escolha dos representantes portugueses, 65 selecionados por um júri de entre cerca de 700 propostas. Agora, 15 deste mês a 15 do próximo, é o público que vai julgar.

Para as edições anteriores desta Bienal — e porque se realizavam no estrangeiro — a participação portuguesa era designada por um comissariado, que decidia que jovens artistas portugueses iriam lá fora mostrar os seus trabalhos. Os Madredeus, o grupo de teatro O Bando, o estilista José António Teixeira, o escritor Fernando Lopes, o pintor Pedro Proença e o músico Nuno Rebelo foram alguns dos nomes projectados no estrangeiro. Em alguns casos, isso equivalerá realmente ao lançamento de uma carreira internacional.

Desta vez, o lugar foi dado aos mais novos. «Esta Bienal teve como preocupação fundamental dar prioridade a pessoas que nunca tiveram oportunidade de mostrar o seu trabalho. Lançamos um concurso público, de âmbito nacional, e as pessoas que vimos promover estão, relativamente aos outros participantes, numa fase anterior das suas carreiras», explica Jorge Xavier, actual presidente do Clube Português de Artes e Ideias.

(CPAI). O que permanece inalterável é a vontade de promover estes novos «artistas desconhecidos» lá fora. O CPAI — entidade organizadora da Bienal — está a fazer contactos nesse sentido. «Estamos a tentar trazer a Portugal agentes capazes de promover carreiras internacionais, o que constitui um atrativo adicional óbvio para participar na Bienal de Jovens Criadores», afirma. Sobre a qualidade dos projectos vencedores, já é mais reservado. Nem tudo o que se vai ver é muito bom; há coisas apenas razoáveis. No entanto, promete surpresas. Muita coisa para ver, ouvir... e provar. É que o concurso aberto à criatividade jovem recebeu projectos em áreas tão diversas como a arquitectura, a banda desenhada, o cinema e o vídeo, o design... e a gastronomia. Sem esquecer, é claro, as artes plásticas, a fotografia, a música e a literatura, esteve ainda receptivo às ideias na área da intervenção urbana e da joalharia. O modo como as pessoas reagiram ao concurso foi, no entanto, inesperado.

MAO NA PSICOSEXYDANÇA

«Estranhamente a música e o cinema foram áreas pouco procuradas pelos jovens criadores... enquanto outras — e aqui destaco sobretudo a fotografia — foram muitíssimo procuradas. Alguns projectos apresentados eram autênticas desgraças; pessoas que pensam que tirar umas fotografias no quarto ou fazer uns rabiscos de escola secundária serve para concorrer...» Por outro lado,

muito bom trabalho que com certeza se faz por aí não apareceu a concurso. I Jorge Xavier diz: «Muita gente não concorre porque tem medo de perder, outros não o fazem porque querem ser convidados... Complexos de estrela.»

Seja como for, a mostra está prestes a arrancar com os projectos possíveis e com o apoio da Lisboa 94 e da Secretaria de Estado da Juventude. O orçamento para esta iniciativa foi de 150 mil contos, dinheiro com o qual a Bienal financia todos os custos de produção e arranja uma «montaria» para o projecto. Os participantes aceitam uma das regras do jogo: não há cachets para ninguém. Durante um mês, a partir de dia 15, muitos são os espaços de Lisboa que vão sofrer a invasão dos criadores — e a zona da baixa-rio foi a mais procurada. Todos os dias há novidades: o dia inaugural, terça-feira, 15, é marcado pela cerimónia de abertura (18h30 nos Jerónimos) e pela abertura da grande exposição de artes plásticas, design, arquitectura, fotografia, joalharia, BD e ilustração na Cordoaria Nacional (à Rua da Junqueira). Mais tarde, por volta da meia-noite, a Gartejo — que vai ser um dos palcos mais utilizados na área da música — abre as portas à Bienal com um projeto italiano que se afirma como o inventor da psicosexydância. Trata-se do grupo Mao e la Rivoluzione, de Turim, três músicos e um cantor. Para mais novidades e o programa completo não percam a página especial do GUIA-SETE a partir da próxima semana.

ANA MARIA RIBEIRO

32 ARTES

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, SEXTA-FEIRA 28 OUTUBRO 1994

Franco-Português na rota de Ionesco

Para o mês de Novembro, o Instituto Franco-Português aposta no teatro, na música, nas artes plásticas e nos colóquios. Entre as iniciativas, espetáculos no âmbito da Bienal dos Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo

HENRI YERU, pintor francês cujo trabalho assume formas geométricas em que o negro predomina, inaugura, a 8 de Novembro, a programação deste mês do Instituto Franco-Português, com uma exposição, que se prolonga até 6 de Janeiro.

Logo em seguida, dia 11, às 21 e 30, representar-se-á a peça *Presença de Ionesco, Um Caminhar pela Vida e Obra do Mestre do Absurdo*, com interpretação a cargo de Luis de Lima, nascido em Portugal e considerado um dos grandes actores brasileiros. Traduziu Ionesco e tem mantido viva a obra do autor de *A Cantora Careca* no seu país como no estrangeiro.

Anabela Duarte actuará, entretanto, nos dias 9 e 10, às 21 e 30, no Franco-Português. Apresentar-se-á acompanhada ao piano por José Conrado para cantar *Lied*, opereta e ópera. Do programa constam obras de Wagner, Richard Strauss, Verdi, Puccini, Bemberg e Catalini.

Será a vez do jazz, no dia

25, às 21 e 30, com o trio de Sophia Domanech, que conta ainda com a participação de Paul Rogers (contrabaixo) e Tony Levin (bateria). Realizar-se-á uma série de iniciativas em torno de Louis-René des Forêts, escritor, poeta e pintor pouco conhecido do grande público, homenageado o ano passado no Festival de Avignon. Representar-se-á *Les Grands Moments d'Un Chanteur*, dia 7, às 21 e 30, na Sala-Estúdio Amélia Rey-Colaço Robles Monteiro, no Teatro D. Maria II, e a 8, à mesma hora, no Instituto Franco-Português.

Uma exposição também

neste âmbito – a levar a cabo de 2 a 11 de Novembro – será integrada por oito quadros de Forêts, 12 cartas de diversos autores, de Gide a Jean Paulhan, passando por Roland Barthes, Bataille, Perros, Leiris, Edmon Jobès e Michel Camus; uma página manuscrita do seu livro *Bavard*, um desenho a tinta de Raymond Queneau e ainda um livro ilustrado da autoria de Louis-René des Forêts e Pierre Klossowski.

A conferência, «Louis-René des Forêts: le drame de la parole», será proferida por Dominique Rabaté, dia 7, às 18 horas, no Instituto Franco-Português, e a 10 e 11, em

Coimbra e no Porto. A 29, às 19 horas, é tempo de rever *Indochina*, de R. Wagnier, com Catherine Deneuve.

Entre as iniciativas no âmbito da Bienal dos Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo, destaque para as peças *Giovanna*, de Isabella Carloni, pelo grupo italiano Ilvolo, e *Texte Sans Scénature* pela companhia L'In solite Traversée; e para a actuação, na área da música, do quarteto Enzo Fabiani/Mitja Vrhovnik-Smrekar Ljubljana e de Ioanni Peikidis. A 23, às 15 horas, estará em foco o colóquio «Por um Mediterrâneo mais próximo», a inaugurar por Cherif Khaznadar.



► IONESCO: mantê-lo vivo é a proposta de Luis de Lima

das famílias
umas imagens
a era pais-luto. Para os as
que, após uma ligação longa
que viraram as costas
em a via obs-
e em esses

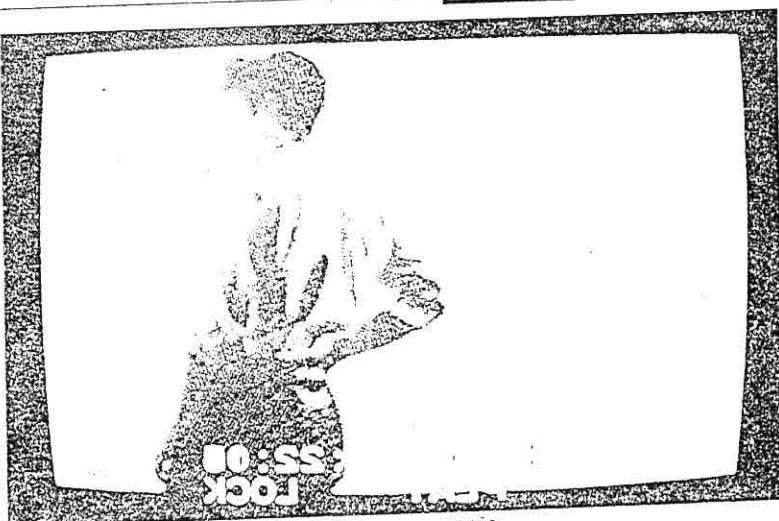
mente tão ingênuo como os ovos de Páscoa, chamou a atenção da polícia. Mais do que imagens, havia palavras - ou melhor, palavrões. Bastantes. Foram acusados de blasfêmia: «Não era um ato anti-religioso, mas, mais uma vez, uma maneira de desmascarar a hipocrisia instalada.» É um episódio revelador de uma terra cuja história recente não é contada apenas ao som das balas: «A Croácia é uma democracia, se fizermos o que nos mandarem», diz Ursic, num riso irônico. Por isso, também, sentem-se, enquanto profissionais, «meros instrumentos técnicos» e, enquanto espectadores de um quotidiano doloroso, «mentalmente mutilados». Esse quotidiano de guerra inspirou-lhes uma imagem que criticava diretamente a FORPRONU. Só que, desta vez, o exército das Nações Unidas convidou-os a trabalharem para a organização: «Recusámos. Eles comportam-se como os Aliados depois de ocuparem a Alemanha.»

O mundo, visto pelos olhos dos jovens criadores, é ou não cruel? Boris Kuk e Albino Ursic discordam. Kuk salienta: «Os criadores não transmitem os seus próprios sentimentos, mas antes a sua visão do que se passa globalmente.» Identidade mediterrânea? Não acreditam. Spheind Bengu é o primeiro cidadão albanês representado na Bienal. Tem 32 anos e é professor na Escola Superior de Belas-Artes em Tirana, onde viveu sempre. Na Corderaria exhibem-se as suas ilustrações, mas Bengu também pinta a aguarela e a pastel. Esta é a segunda viagem que faz ao estrangeiro. A primeira foi à Hungria, no Verão passado. Casado com uma estilista, conhece bem as condições de trabalho para os criadores, no seu país. A sua vinda a Portugal deve-se à ARCI, italiana, e uma fundação norte-americana sediada na capital albanesa, a GULP. «Hoje, na Albânia, há uma grande luta pela sobrevivência.» Num inglês mal alinhavado, Spheind Bengu revela como o isolamento político e económico retratou os albaneses: «Sinto-me tão mal quando contacto com os meus colegas italianos! Eu não sei utilizar um computador. Não há computadores na escola onde eu trabalho. Na Albânia, só as entidades importantes os têm!» Começou a pintar muito cedo. Quimido a jornalista lhe pergunta se alguma vez foi pressionado na sua actividade, conta apenas que, há seis anos, teve problemas com a polícia secreta, por ter tido uma conversa mais aberta com um professor francês ligado ao Museu do Louvre.

Manuel Fior é o mais jovem artista plástico da vasta representação italiana. Tem 19 anos e frequenta o 2º ano da Faculdade de Arquitectura, em Veneza. As suas paixões verdadeiras são a BD e a ilustração. O seu trabalho diverge muito da linha condutora das artes plásticas da Bienal. São estórias povoadas por fadas e gnomos - o desejo maior do estudante é ilustrar contos tradicionais. A arquitectura será - só - a profissão. «É muito difícil trabalhar em BD, em Itália. Muito mais do que nos Estados Unidos.» Fior tem repartido o seu trabalho em fanzines e revistas de actualidades, mas não conseguiu ainda publicar um álbum. Não perdeu as esperanças - seria difícil, no seu caso, sobretudo depois de ter recebido o telefonema da ARCI. «Foi óptimo ter sido seleccionado!» Mas as suas opiniões acerca do panorama italiano revelam outras surpresas. «Na Faculdade, são muito tradicionalistas e académicos.» Referências? «Atrai-me muito a arquitectura orgânica de Frank Lloyd Wright.» Não é, de facto, o Mediterrâneo que o inspira. Na ilustração e a BD, tal como as suas aguarelas, transparente, sobretudo, as luminosidades setentrionais e os tons sépia do Outono. E os outros artistas da Bienal? «Estão muito marcados pela materialidade.» Enfim, por um mundo que não é o seu.

Cinema jovem, cinema de ruptura

ELENA FERNANDES



VER., VÍDEO DE RUI CATALÃO

Quinta-feira, 17 de Novembro, o cine-teatro do Monumental encheu-se de pessoas que aguardam a projeção de «À Caixa». É a estreia do último filme do realizador. A plateia faz silêncio para ouvir as palavras de alguém, cuja história se confunde com a própria História do Cinema português: Manoel de Oliveira, cineasta, 86 anos de idade. Num outro lugar de Lisboa, não muito longe, a história toma conta de uma massa de gente que tenta entrar na sala n.º 3 do cinema King. Pedro Sena Nunes («Iléctriços»), Abi Feijó («A Noite Sairá Ruiva»), Nuno Leonel («Santa Maria») e Edgar Pêra («Guerra e Paz») abrem nessa noite a terceira sessão do programa de cinema da Bienal. O elevado número de bilhetes mais a quantidade de livre-trânsitos e convites distribuídos impedem o funcionamento normal da sala. Helena Tavares, responsável pela direcção de cinema e vídeo da Bienal, tenta que Paulo Branco autorize a entrada de todas as pessoas. O empresário recusa, alegando questões de segurança. A situação torna-se insustentável: as pessoas dispõem-se a entrar à força. Helena Tavares consegue finalmente controlar a situação, o empresário cede, a sala enche-se. Oliveira passa o testemunho — E a grande festa do cinema português.

A Bienal começará já no dia 15 com a projeção de «Sette Anni Troppo Lungo» e «Ojála», mas os seus momentos mais altos acarriaram por ser os que não se encontravam previstos no programa. A «noite portuguesa», entre outros, é um bom exemplo disso. Por outro lado a conferência sobre o cinema jovem europeu, um dos acontecimentos que mais expectativas gerava, saldou-se por uma total ausência de debate, de interesse e de público. Os problemas e as conclusões apresentadas resumiram-se a dois assuntos em concreto. O primeiro a constatação

da inexistência, em Europa, de uma estrutura cinematográfica suficiente a nível de produção e distribuição. O segundo a falta de apoio estatal para superar este problema. Os representantes do IPACA aproveitaram a ocasião para referirem-se aos projectos de ajuda, do Instituto, à produção nacional. Projectos fantasma, se atendermos que cinco foi o número previsto de filmes subsidiados apontado pelos representantes para o exercício do ano decorrente.

Apesar da circunstância dos participantes aos dois assuntos citados, houve lugar para outro tipo de intervenções como a de Massimo Martella, realizador italiano, e a sua ideia de que o cinema jovem é aquele que deve ser capaz de romper com a tradição e de abrir novos caminhos. Massimo Martella provou que era melhor a fazer definições que a realizar cinema «jovem». «Il Tuffo», filme da sua autoria apresentado nessa mesma noite no King, foi um espetáculo decepcionante. Bem filmado e tecnicamente certo, «Il Tuffo» é um daqueles filmes excessivamente correctos, tanto que sofre (e faz-nos sofrer) de tédio, característica comum a todos os produtos nascidos de uma certeza. Todo o contrário sucede quando se tem o prazer de ver duas obras da envergadura de «La Madre Muerta», do basco Juanita Bajo Ulloa, e «Les Fils du Requin», da francesa Agnès Merlet.

«La Madre Muerta» é o fruto de um cinema que não respira, late, que não apresenta soluções nem pausas, só virulências e pulsões. Se o cinema jovem se caracteriza pela sua ruptura com uma tradição podemos dizer que o filme «La Madre Muerta» não rompe com a tradição porque a sua natureza é ser essa ruptura, antes que representá-la. O realizador basco Juanita Bajo Ulloa é «criador» de um cinema feito de entradas e de saídas, em que as próprias imagens forçam a sua existência, num dos mais raros casos de instituto cinematográfico animal jamais vistos. Em «La Madre Muerta» está a força da

imensidade atinge o seu ponto mais alto no olhar que Leire (Ana Alvarez), dirige a Ismael (Karra Elejalde) e, posteriormente, a Maite (Lio). Estes dois momentos são os únicos em que Leire abandona a sua passividade. Os seus olhos impedem que ela seja assassinada porque, através deste olhar, deixa o seu papel de vítima e passa a ser o carneiro, não só de Ismael ou de Maite, mas de todos os que, sentados, assistimos à intensidade do seu enigma. «Há algo mal nela» — diz-nos Maite, enquanto Ismael nos mostrará mais tarde a marca deixada por um tiro, que, tal como sabemos, era impossível faltar. As características especiais que rodeiam a projeção do filme, a saber, a falta de público que surgia à partida como inconveniente e no final veio revelar-se como uma vantagem uma vez que proporcionou um espaço de perguntas e respostas improvisado pelo realizador, serviram para alimentar o filme com um dos mais mágicos componentes do cinema — O valor de Culto.

Mas se «La Madre Muerta» é um filme violento, «Les Fils du Requin» é um filme sobre a violência na sua vertente mais cruel, a que carrega aquele a quem retornam o seu lugar no mundo, privando-o da dignidade que encerra qualquer vida humana. «Je suis le fils de la femme et de l'homme, mais si j'avais eu la chance j'aurais été le fils de la femelle du requin», diz — e repetirá —, Martin (Ludovic Vandendaele) de maneira insistente ao longo do filme. «Les fils du requin» é uma poesia de 88 minutos surgida de um equilíbrio limitado entre a palavra e a imagem. Vale a pena lembrar aqui duas cenas que forcaram esse equilíbrio ao seu extremo. A primeira, e logo no início do filme, quando os dois irmãos assaltam o cinema e poem a funcionar o projector; imagens de peixes povoram a tela do céu enquanto ouvimos as palavras de Johan (Erik da Silva): «um dia eu e o meu irmão iremos até ao fundo do mar, onde ninguém possa encontrar-nos, e então desapareceremos para sempre». A segunda, uma das cenas finais, quando, ao passar pelas docas do porto, ambos os irmãos observam um conjunto de homens que, numa mesa de madeira, cortam as cabeças dos peixes acabados de chegar. «Eles sofrem?», pergunta Martin, e a câmara responde com um grande plano de agonia das cabeças de peixes separadas do seu corpo, e o que vemos é a agonia dos inocentes, dos que morreram mutilados pela mão do homem, é a angústia violenta dos peixes, que, tal como Johan e Martin, tentam desesperadamente agarra a vida que lhes foge e que os rejeita. Nota máxima, portanto, para Agnès Merlet e para Juanita Bajo Ulloa, dois nomes que, junto com o de Teresa Villaverde, asseguram um futuro de ouro para o cinema europeu.

BIENAL DOS JOVENS CRIADORES**Artes do «Mare Nostrum»****MARIA ALEXANDRA**

Literatura, cinema e vídeo, música, artes plásticas

— tudo isto tem sido mostrado na Bienal de Jovens Criadores do Mediterrâneo, a decorrer até 15 de Dezembro com mais ou menos público, mas com algumas novidades de relevo. Estaremos perante uma geração de inovadores? Quem sabe...

Os problemas dos criadores jovens de hoje são, provavelmente, os mesmos de sempre, e passam todos por uma só questão: sobrevivência. E sobrereviver, como é, no Mediterrâneo afectado por conflitos (à Argélia, à ex-Jugoslávia)? O mercado de trabalho e a criação artística andam desencontrados, quer nos países de maior avanço tecnológico quer nos que vivem em situações de maior atraso. Por razões diferentes, claro.

Tudo isto já se sabia. O que pouco se suspeitava é que é muito difícil trabalhar em banda desenhada em Itália, um país com tradições tão poderosas nas artes plásticas e no mundo gráfico, em geral. Pensava-se que numa cidade como Zagreb as condições de trabalho não

fossem exactamente as melhores. Mas não se sabia que, apesar disso, o mundo da ilustração e do design continua a mexer-se. Como pouco se sabia sobre a Albânia. Melhor: soube-se que, também nás artes, este era um país fechado sobre o seu próprio umbigo. Ouvir-lo da boca dos próprios albaneses era mais difícil. O «JL» falou com artistas plásticos da Croácia, da Itália e da Albânia, esta representada pela primeira vez absoluta numa edição da Bienal. Albino Ursic e Boris Kuk são designers profissionais e ilustradores croatas e trabalham em Zagreb, onde nasceram. Boris tem 27 anos e Albino, 26. Vêm participando activamente na Bienal desde 1991. Na Escola de Belas-Artes de Zagreb, que frequentavam, conheceram, em 1984, o projecto «Bozesacuvaj» («Deus me livres»). Trata-se da concepção de posters, ligados a campanhas, ou, simplesmente, como

forma directa de intervenção social. Têm, neste momento, 40 posters, que definem «no nosso tempo e do sítio on vivemos». Recorrem com frequência não só à fotografia, mas também à colagem à poesia visual. Algumas imagens dirigem-se «camaleões» da era pós-Tito. Para os artistas, são todos os que, após uma ligação longa ao Comunismo, rapidamente viraram as costas às bandeiras vermelhas e seguiram a via obra do fundamentalismo religioso. A esse dirigem-se o cartaz provocatório onde, ao lado de uma menina coroada de espinhos e a carregar uma cruz, se pode ler «50 years we lived in communist sin, that's why from now 50 years we will fast» («Vivemos 50 anos em pecado comunista, por isso vamos jejear nos próximos 50 anos»). É também ao ópio do fervo religioso que se dirige o poster «Drugs Kill», onde a toxicodependência é comparada ao exclusivismo de religião. As duas imagens podem ser vistas na mostra de Lisboa. Mas os autores vão avisando que não estão ligados a qualquer corrente ideológica específica. De resto, o poster «Drugs» foi utilizado em apoio a uma campanha governamental de combate às drogas.

A fuga aos rótulos não os impediou de ir para a prisão. Foi em Abril do ano passado, quando participavam numa exposição colectiva no Museu de Artes e Ofícios de Zagreb. Um cartaz, sobre um tema aparente-

**LITERATURA****UMA NOVA ESTÉTICA****MARIA JOÃO MARTINS**

Falam de viagens irrepetíveis, e vidas carecendo de destino e de amores em busca da luz própria que os transformará em estrelas. São os poetas e escritores da Europa e do Mediterrâneo que a Bienal de Jovens Criadores (sem dúvida, um dos acontecimentos mais importantes e consequentes da capital europeia da cultura) trouxe a Lisboa para mostrarem de que são capazes.

No momento em que distribuímos a cobertura das várias secções do certame pela Redacção do «JL», quase me arrependo de ter escolhido a literatura. Afinal, como posso analisar, tão só cinta e rapidamente quanto possível, o trabalho de algumas dezenas de jovens, de origens e culturas diversas, cuja obra — para além da que se apresenta na Bienal — ignoro? A que critérios devo recorrer?

O destaque dado pelos outros órgãos de comunicação está fora de causa. Como, à partida, esperavam os organizadores da iniciativa, esta tem sido a secção menos mediatisada da Bienal. Os holofotes — se os houver — incidem sobre áreas mais visuais ou espectaculares como a imensa mostra de artes plásticas, ilustração, banda desenhada, fotografia, arquitectura e design patente na Cordoaria Nacional, ou sobre os espectáculos de dança, música, cinema e vídeo. Para a literatura, montou-se, no passado dia 20 de Novembro, um café especializado de escusa eficiácia e fotocopiou-se uma antologia, de circulação restrita. Estamos, pois, no que à literatura respeita, perante uma iniciativa falhada? Pelo contrário. A literatura é, desde sempre, uma arte para o privado, destinada ao recolhimento e às lareiras acexas. A sua qualidade está, muitas vezes, na proporção inversa da sua mediatisação. Os jornais, as televisões e o chamado grande público preferiram as outras secções à literatura! Provavelmente, mas isso não retira fôlego ao futuro, que decerto pertencerá a vários dos poetas e escritores agora representados em Lisboa.

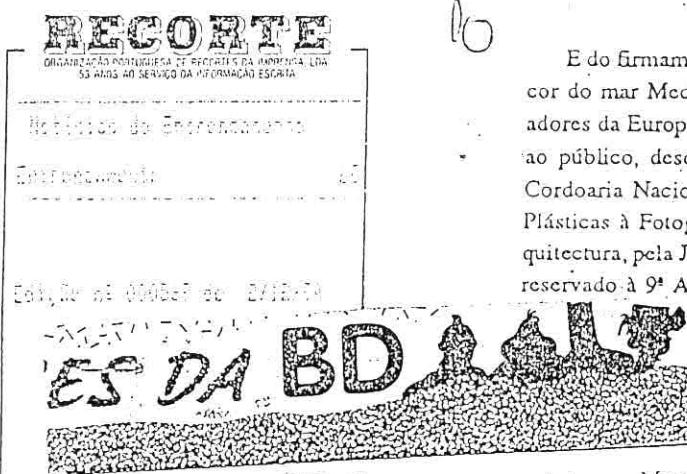
Por outro lado, uma antologia é um péssimo lugar para se avaliar da importância de autores

desconhecidos. Tudo quanto se recolhe é uma frase de ouro, uma ideia de exceção, que tanto podem augurar um futuro excepcional como não augurar coisa alguma. Mas esse — concluo por fim — é o risco inherent a todas as mostras de arte jovem. Neste jogo, apostar e esperar. Ou seja: eu aposto e espero. O leitor aposta na minha aposta e espera que eu tenha razão. Foquemos a nossa atenção nos autores portugueses. São três, com idades compreendidas entre os 27 e os 23 anos. Rui Pires Cabral, 27 anos, vive em Vila Real e é poeta. Daniel Gala, 23 anos, vive em Coimbra e apresenta um excerto (em prosa) do seu trabalho (inédito) «Sete Vezes Um». Carla Machado dos Santos, 26 anos, é de São João do Estoril e apresentou-se na Bienal com um livro de contos, longamente burlado, a que deu o título «Os Olhos e as Mãos» (que li e em que apostei claramente).

Convicta de que, na literatura, mais importante do que as ideias é a linguagem, Carla confessa ao «JL» a sua preferência pelo conto. Af, comporta-se como uma menina no recesso: libera os sentidos e as possibilidades da linguagem. Mas não enjeita o papel da disciplina. «Por mais simples que seja, um conto precisa de coesão e de uma estrutura.»

«Os Olhos e as Mãos» é, por conseguinte, tudo isso — um trabalho que iniciou há muito e que hesita em dar por acabado. De que se fala nestes contos? Sobretudo de uma das paixões da sua autora: a observação da 3.ª idade. «Os idosos têm, como a juventude, a sensação de vazio, a necessidade de se situarem na vida e de gerir o tempo. Por isso, uns como os outros, sentem uma grande insecuridade.»

Sem nenhum trabalho publicado, Carla Machado dos Santos aguarda agora que esta presença na Bienal lhe traga a oportunidade desejada. O livro que tem pronto, justamente «Os Olhos e as Mãos», mostra que adquiriu já a maturidade por que se bateu antes de começar a mostrar os seus escritos a terceiros. Senhora de si e da sua vontade, declara: «Quis primeiro aprender a nadar. Neste mar há muitos tubarões.»



apreciados originais de autores tão curiosos como Athanasc Moutopoulos (Grécia), Sphend Bengu (Albânia), Jaoudet Gassounia (Argélia), Jaime Hernandez de La Torre e Juan Diaz Almagro (ambos de Espanha), Manuele Fior, Piero Angelini, Matteo Casali e Raimondo Pasin (todos de Itália), mais o colectivo Jakob Klemencic, Damjan Sovec e Milos Radosavlevic da associação cultural Forum de Liubliana (Eslovénia), que publica na revista de BD Stripburger (editada por Boris Bacic; contacto: Stripburger, Forum, Kersnikova, 4, 61000 Ljubljana/SLOVENIA). O NE passou por lá e, apesar da deficiente iluminação, recomenda vivamente esta mostra, aos que passarem pela capital nos próximos dias. Existem trabalhos muito bons — como aquela estória de Natal (que se aproxima) do esloveno Klemencic, onde deparamos com um atónito Pai Natal que, em contrapartida pelas prendas que oferece, recebe cadáveres de suicídarios, acabando por levá-los consigo atrelados ao trenó voador... No fim persiste a mensagem "Vesel Bosic in Srecno Novo Leto vam Zell" que em português mais não significa que o tradicional e universal Feliz Natal e Bom Ano Novo. Fica uma dúvida: gostava de saber porque é que não há portugueses entre estes talentos do círculo mediterrânico. Mistérios...

BIENAL COM BD AO MEI

E do firmamento europeu, caíram novíssimas estrelas azuis do mar Mediterrâneo. Integrada na 7ª Bienal de Jovens adores da Europa e do Mediterrâneo — Lisboa 1994, está para o público, desde 15 de Novembro e até 15 de Dezembro, a Cordoaria Nacional, uma vasta exposição que abrange das Artes Plásticas à Fotografia, passando pelo Design Gráfico ou de Arquitetura, pela Joalharia, Vídeo e... Banda Desenhada. No espaço reservado à 9ª Arte, paredes-molas com a Ilustração, podem

RECORDED

Passenger Name

151

27

Edição nº 005677 de 16/11/2014

Jovens criadores na Gare Marítima

A Gare Marítima de Alcântara, em Lisboa assistirá, hoje, pelas 22 horas, ao desfile de moda de apresentação da sétima edição da Biennal dos Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo.

Nesta iniciativa participam os seguintes criadores: Ana Rafael Cavaco, Aníbal de Almeida e Maria Gambina (Portugal); Maria Paschalides (Chipre); Cristina Muñoz Salano, Núria Liácer Vidal e Isabel Berz (Espanha); Marika Pasqualato/Manento Alessandra, Zoom Ahead Studio, Subrizio Giovanni, Manuela Bonetti e Tamara Negrato (Itália); Luka Zan e Ursula Dras (Eslovénia); Susana Ceple (Crácia); Fotini Toska, Vassiliki Drossou (Grécia).

A entrada do público é livre.

RECORTE

ORGANIZAÇÃO INDEPENDENTE DE JORNALISMO DA PÓ-IMPRESSÃO PORTUGUESA
30 ANOS AO SERVIÇO DA CRITICAÇÃO ECRITORA

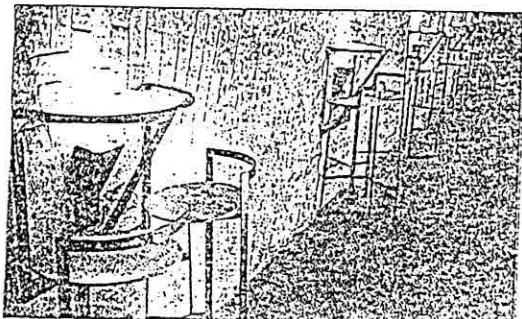
Sexta

Lisboa

345

Edição nº 000209 de 18/11/98

1º GARTEJO SEMPRE EM FESTA



Tem saudades da época em que se dançava ao som dos Village People, Boney M., Sister's Sledge, Ritchie Family, Donna Summer e James Brown? Óptimo. Agora pode matar saudades nas noites de quinta-feira, na ampla pista da Gartejo. Melhor: pode dançar até suar com o extenso menu preparado por conhecidos disc-jockeys, como Kiki Kuski, João Pereira, João Chaves, Luís Oom ou João Vaz. Resta adiantar que, nessas noites revivalistas, tanto o cenário como os principais protagonistas (empregados, porteiros e músicos) estarão vestidos à época. Mas não é tudo. Na bem apetrechada sala de concertos, no primeiro andar, actua todas as semanas um grupo a condizer, As Bocas de Sino. Entretanto, o primeiro andar da Gartejo é, desde o passado dia 15, a sala principal de concertos promovidos no âmbito da realização da Bienal dos Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo. Como o programa é amplo, convém assentar no filofax: dia 16, tocam os Coptic Rian (Eslovénia); a 18, os Grupo Sanguíneo (Itália); a 19, os Mayflower (Croácia); a 21, os Aroma Thalassi (Grécia); a 22, os Uptown (França); a 23, os Três Tristes Tigres; e no dia seguinte, a encerrar a festa, os Bizarra Locomotiva. Para mais informações consulta as páginas dedicadas a este evento nesta publicação.

GARTEJO

Av. de Ceuta, 38-48. Tel.: 3955977/78.

RECORTE

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE JORNALISMO DA CUPRENSA, LDA.

SJ AMIS AO SERVICO DA INFORMACAO ESCRITA

Público

Lisboa

330

Edição nº 001701 de 2/11/79

BIENAL — LISTA COMPLETA — O grupo Coptic Rain, que pratica vídeo-“performance” techno-rock, da Eslovénia; os Pit'8, misto de rock, electrónica e música oriental, de Montpellier; os Uptown, banda rap de Marselha; os Modena City Ramblers, “combat folk” irlandês feito em Itália; Mao e la Rivoluzione, “psychosexydance”, isto é, uma misturada de estilos, também de Itália; Gruppo Sangugino, “sentimental-porno”, idem; o coral polifônico argelino Inaslyen; Joanni Peikidis, que faz música electrónica e vem da Grécia; o grupo acid-jazz/funk Aroma Thalassi, também grego; os Mayflower de Rijeka; J.J. Juana, “punk-rock popular possante”, de Almeria, em Espanha, e Es Pecado, de Málaga, são os convidados estrangeiros na área de música moderna da Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo a decorrer em Lisboa, a partir de 15 de Novembro e durante dez dias. Do lado português, estarão representados os projectos Bizarra Locomotiva e Tres Tristes Tigres. ■

RECORTE

Público

Lisboa

330

edição nº 001789 de 21/11/94

LE

10



A BIENAL dos Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo não chegou a Lisboa na melhor altura. A "rentree" lisboeta está no auge e o público não tem muita disponibilidade para a programação cerrada da Bienal. Mesmo que houvesse (mas não há...) um grande interesse dos órgãos de Comunicação Social pelo evento, a organização não tem sido muito imaginativa na promoção e os espectáculos, nomeadamente os de teatro, não têm tido muito público.

O PÚBLICO conseguiu ver até agora uma única "performance", originária da Eslovénia e integrada na secção de Teatro: chamava-se "Egoritmi IX" e teria sido mais correcto inseri-la na secção de Música. No inicio dos anos 70, o músico José Alberto Gil (coadjuvado, imagine-se, pelo signatário desta prosa) promoveu em Lisboa concertos segundo o modelo deste concerto-conferência de Marko Peljhan, acompanhado ao clarinete por Grega-Tao Vrhovec-Sambolec.

Os verdadeiros protagonistas da "performance" são dois gravadores: um deles

grava o discurso do "speaker" e a música do instrumentista; logo a seguir, o outro gravador retransmite-a, gerando-se uma multiplicação e uma sobreposição de sonoridades que assim se auto-reproduzem e se auto-aulam. Só que, há 25 anos, nunca passou pela cabeça dos promotores destes divertimentos chamar-lhes teatro. Nem (ao contrário dos jovens eslovenos) se referiam a eles como se de um projecto científico se tratasse.

Hoje, 21, a programação teatral da Bienal fala português. Representa-se "Um Processo", espetáculo do Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC), baseado na obra de Kafka e dirigido por Paulo Lisboa. Entre o muito e bom teatro universitário a que 1994 assistiu, o trabalho do CITAC (que comemora 40 anos de actividade) destacou-se mais uma vez. Foi distinguido pelo Teatro na Década e, daí, transitou para a Bienal. Vão vê-lo hoje ao Pequeno Auditório do Centro Cultural de Belém, às 22h. ■ M. J. G.

O teatro dos jovens

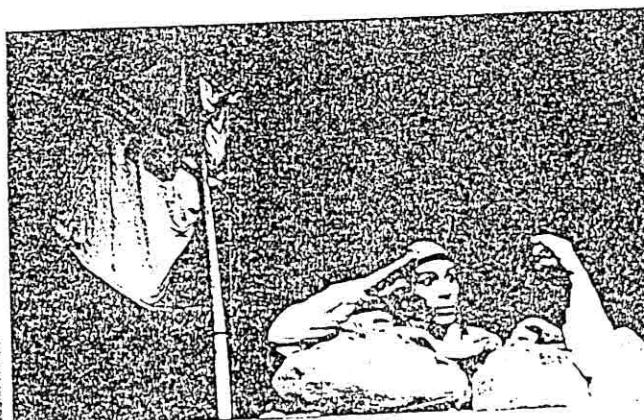
ENFERROU-SE, no dia 24 de Novembro, a apresentação dos espectáculos de teatro incluídos na VII Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo, cujas demais actividades se prolongam ainda até 15 de Dezembro. Constituída por dez espetáculos, três dos quais portugueses (As Troianas, Um Processo e Naque) e os restantes oriundos da Itália (2), São Marino (1), Eslovénia (1), Grécia (1), Espanha (1) e França (1), a mostra era composta de trabalhos escolhidos por um comité internacional integrando representantes dos vários júris nacionais ou de instituições.

Em Portugal, foi o Clube de Artes e Ideias a entidade mediadora da selecção, através do concurso público «O Teatro na Década» — que não deixou de provocar uma certa desilusão.

Não se pense que este estado de espírito foi provocado por um excesso de zelo qualificador ou por um défice de abertura à surpresa ou à irreverência. Pelo contrário. A medianaria mais entediante foi mesmo o que caracterizou boa parte dos espetáculos apresentados. Com, pelo menos, duas exceções: o espetáculo Naque, do Teatro Meridional, e, num registo menos sofisitado, o trabalho Triki-Trake, pelo grupo homônimo oriundo de Sevilha.

Ora, perante o que vimos (e não vimos), licito nos é infetir, ao menos para fins de especulação teórica, que, se de algum modo pudessemos considerar os espetáculos mostrados como índices credíveis da situação actual da formação e das condições de produção existentes nos países respetivos, mal-cria o teatro pela Europa e pelo Mediterrâneo (e bastante razoavelmente por terras de Portugal)... Mas, como tal raciocínio resulta falacioso, passemos ao regime das constatações.

A confusão entre teatro e dança, dança e movimento e conceitos similares — que



SUSANA PAIVA
A proposta dos Triki-Trake, da Sevilha

permitti, por exemplo, o erro da inclusão do incipiente (se bem que fortemente sensual) Fra-Mentii, do Grupo Teatro Dança Pico de São Marino, no sector dos espetáculos teatrais — continua a ser a lógica dominante para os criadores à procura de uma linguagem personalizada.

Tal confusão leve, no entanto, pelo menos uma virtude: provar que não é teatrodança aquilo que, por falta de rigor, de programa, de criatividade ou de qualidade, não pertence a um ou a outro dos territórios. E não deixa de ser curioso que tenham sido justamente os trabalhos menos «radicais» (se é que tal categoria se pode aplicar a qualquer dos espetáculos mostrados) e mais fortemente apostados no «convenional» e «tradicional» trabalho de actor, melhor dizendo, de comediante, a ganhar os louros teatrais desta bienal.

Depois do bilingue Naque, que tivemos já oportunidade de reverenciar como um dos mais convincentes e sublimes espetáculos produzidos recentemente entre nós (por um grupo, não esqueçamos, multicultural e plurilingüístico, com formações e «escolas» diversas), os Triki-Trake fundaram a sua proposta na articulação do registo cabarético com o cómico absurdo de raiz beckettiana.

Trata-se de uma linha de certo modo próxima do El Tricicle, um grupo catalão que tem feito «escola» em Espanha e se caracteriza por uma enorme estilização estética em que a pantomima, as artes do corpo e do circo e a tradição popular do palhaço se interligam num imaginário profundamente contemporâneo, e dos populares «clowns» italianos Colomboiani — até agora o «hit» dos Festivais de Outono

94, num espetáculo que faz, aliás, digressão por Espanha.

Pode-se sobretudo constatar a notável formação de base dos jovens actores, muito familiarizados com as técnicas do comediante popular e do «clown» — técnicas que se perdem dramaticamente entre nós, apesar dos esforços de formação levados a cabo pela Escola Profissional das Artes do Espectáculo de Teresa Ricou ou, pontualmente, por actores que se deslocam a escolas estrangeiras de «commedia dell'arte».

Foi igualmente a aposta numa forma de representação centrada na relação actor-público que tornou este espetáculo tão simples (e até com algumas insipidezas formais) na proposta mais «interessante» da bienal.

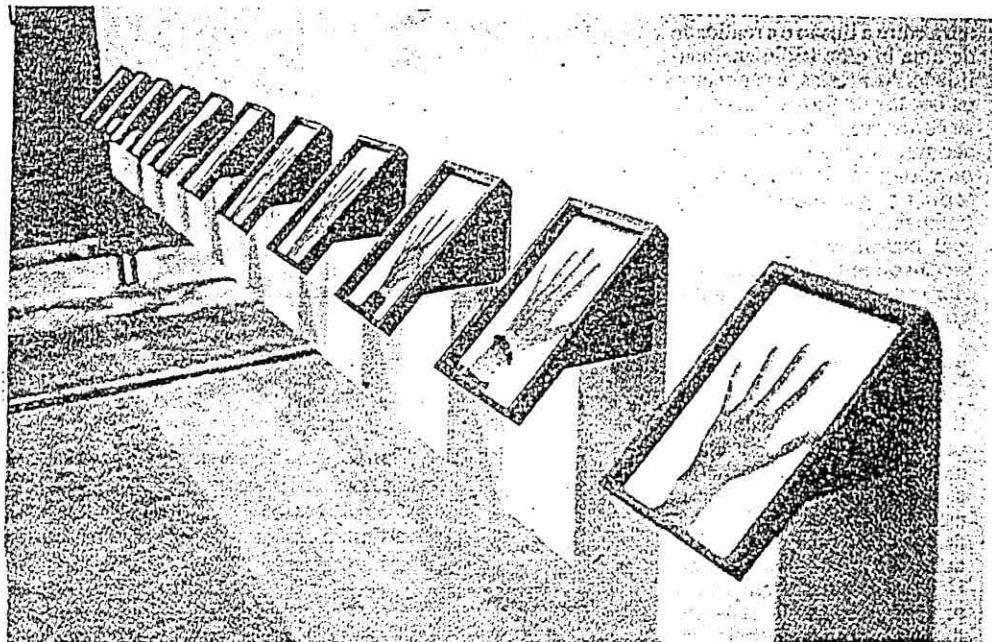
Posto isto, a representação portuguesa terá sido a mais significativa. Apesar de o espetáculo do CITAC, dirigido por Paulo Lisboa, se ter caracterizado por um amateurismo irritante, pese embora a impressiva proposta ceno-plástica e os 15 primeiros minutos de mergulho no universo kafkiano, que Naque quer As Troianas de Elsa Valentim e Maria Duarte conseguiram demonstrar as diferentes vias em que vão laborando alguns dos mais jovens actores de uma certa «fringe» do teatro português.

E finalizaremos assinalando que uma das mais graves ausências desta bienal foi a dos jovens estudantes das escolas de teatro de Lisboa. Se tal ausência não tiver sido simplesmente fruto de um crónico desinteresse, então os promotores portugueses da VII Bienal não apelaram com suficiente eficácia para este público, que devia ser um dos mais naturais interessados no confronto de linhas de trabalho e na discussão de projectos para o presente.

EUGÉNIA VASQUEZ

Expresso 1

RECORTE



Fotografias na Corderaria: jovens criadores

■ BIENAL DE JOVENS CRIADORES

Corderaria Nacional

Apresentar cerca de duas centenas de artistas da Europa do Sul e do Magrebe, nas áreas de pintura, escultura e instalação, arquitetura, BD e ilustração, «design», moda, joalharia e fotografia num espaço único, assegurando a visibilidade individual e a diversidade das montagens, é uma procza que aos responsáveis pela Bienal, e aos seus arquitectos, tem de ser creditada. Os artistas são jovens e desconhecidos, seleccionados por critérios variados e apresentados sem as condições de prestígio imediato que lhes asseguraria um qualquer comissário reconhecido. Assim se proporciona uma oportunidade de experimentar a eficácia individual das propostas e a disponibilidade emocional do observador, ao acaso dos encontros possíveis, sem aspirar a qualquer «ponto de situação» ou «jogo de reconhecimentos». Entretanto, é óbvio que várias cidades ou países cuidaram da sua representação — Barcelona, Marselha e Montpelier, a Croácia, Portugal, etc — e que o magnífico espaço da Corderaria se percorre com agrado. Os desenhos instalados de Vanessa Beecroft, de Milão, a instalação de Marcel Li Antunez, da

Catalunha, com «cabeças arrancadas em êxtase», «poemas de amor» e uma Máquina de Prazer, são presenças que ficam na memória, enquanto no sector da fotografia se encontra uma diversidade de experiências que vem contrapor-se à monotonia obsessiva que agora parece tornar-se regra. (Até 15 Dez.) Na Central Tejo, até dia 30, está uma «bienal off» oficial dedicada à ilustração.

VIVER

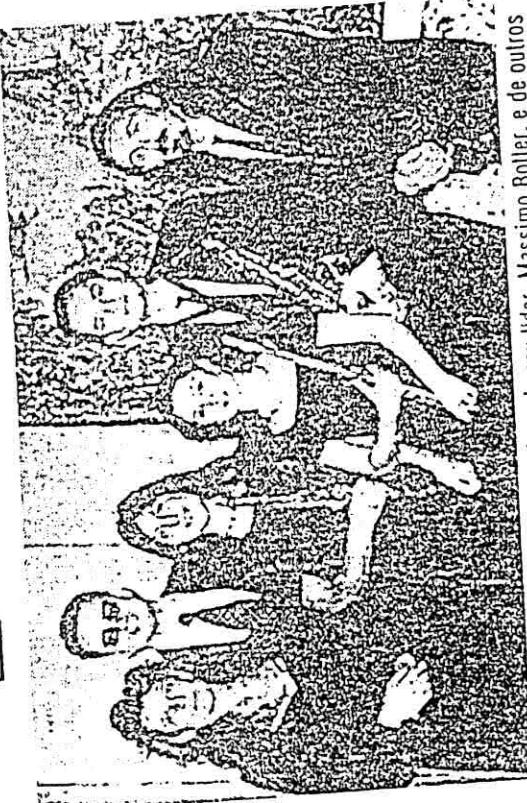
A CAPITAL TERÇA-FEIRA, 22 DE NOVEMBRO DE 1994 31

INSUBRIA ENSEMBLE DAS 7 AS 9 NO CCB

DEPOIS de, no Verão, terem sofrido a "concorrência" de outros espetáculos, também gratuitos mas realizados à noite e no Jardim das Oliveiras, eis que prosseguem ao fim da tarde os Concertos das 7 às 9 no Bar Terraco do Centro Cultural de Belém, hoje com a actuação do Insubria Ensemble, vindo de Milão para participar na VII Bienal de Jovens Criadores.

Liderado por Massimo Bolter, este grupo de música erudita premiado durante as suas frequentes digressões internacionais, conta ainda com os jovens compositores Luca Belcastro, Nadir Vassena e Matteo Pennese e com os instrumentistas Samantha Zanussso (flauta), Rafaella Quadri (clarinete), Andrea Fornenti (saxofone) e Anna Pedrazzini (piano).

O programa fazem parte as obras "Kaleidoscope", de Massimo Bolter, "Throvalua... TH", de Luca Belcastro, "Inada", de Matteo Pennese, "Nocturnes I-II-III", de Nadir Vassena.



O Insubria Ensemble interpreta obras do seu líder, Massimo Bolter, e de outros compositores do grupo

SEGUNDA-FEIRA, 21 NOVEMBRO 1994

33

ARTES

CAFÉ LISBOA ABRE COM DOIS ESPECTÁCULOS DE TERROR NA BIENAL DE JOVENS CRIADORES

Espaço assombrado



► «NOSFERATUM», o vampiro de Murnau, vai ser acompanhado pela Políptico Orquestra do Chapéu, no Café Lisboa

No Café Lisboa, inaugurado com a Bienal de Jovens Criadores, houve alquimistas biefeitos na semana passada. E, até quinta-feira, vampiros músicos vão distribuir alto e baixo cruzes durante a apresentação de «Nosferatu». É o começo negro e terrorífico de um espaço alternativo com pianos que passam pela televisão. A diversão da vanguarda cultural portuguesa

CATARINA CARVALHO

O CAFÉ LISBOA abre todas as noites no intervalo entre as gravações de programas comerciais nos Estúdios Costa do Castelo em Alcântara. Faz parte dos poços da Bienal dos Jovens Criadores do Mediterrâneo. Por isso o espetáculo de abertura foi no dia 15, data da inauguração daquele festival. E, o bar, num cenário pós-industrial de máquinas (descarregadas) para moldes de gesso, encheu-se de novos artistas. Figuras invariavelmente de preto, da vanguarda cultural.

Festejo pretende precisamente atingir essa nova élite, que, apesar de fervilhante de ideias, continua a ser um grupo de pessoas que foram isoladas em Lisboa 94 e não encontraram expressão noutro lado, como diz Fernando Péra, o produtor do Café Lisboa. A ideia de dinamizar um estúdio vulgo de televisão partiu de quatro amigos de áreas diferentes: Paulo Trazeiro dos Filmes Costa do Castelo, Hermínio Monteiro da Assunção e Álvares, Fernando Péra e Rodrigo «Leão», cuja silhueta já fazia falta. Não é um rockódromo, mas um espaço alternativo de espetáculos para menos de 300 pessoas, ou seja, sem grande expressão comercial. Para conseguir uma liberdade que permita projectos diametralmente opostos, arrojados e sem preocupações económicas, há que contrabalançar financeiramente. «Aproveitamos um estúdio de cinema mas tentamo-nos uma ocupação diferente.» As primeiras actividades *A ordem biefeita*, de Duarte Barrilero Ruas, e *Nosferatu*, o filme de Murnau acompanhado pela Políptico Orquestra de Nuno Rebelo, seguir-se-ão alguns acontecimentos promocionais, como o lançamento de *O Amor É Fodido*, o novo livro de Miguel Esteves Carvalho, e a festa/concerto de Carlos Zingaro.

Todas estas operações vão lentamente conduzir a um projeto mais sório: um programa de televisão. Fernando Péra é pragmático ao contar a estratégia de um plano elaborado com rigor. «Primeiro é preciso activar a promoção, depois arranjar patrocínios. Normalmente um programa cultural vai para a TV2, e como se diz que só tem três por cento de audiência, nunca chega a conseguir um orçamento suficiente para fazer algo interessante.» E as privadas? «Se a SIC abdicar das sondagens da Marktest, que duvidamos muito sejam significativas no público que pretendemos cobrir, talvez mude de mentalidades.» E pode ser que o espaço dê uma ajudinha, reunindo informalmente as três áreas fundamentais, agências de publicidade, televisão e publicitários.

havia a ideia de criar um local de trocas aberto até às quatro da manhã. «O espírito era reunir a dinâmica de 700 mafuscos a beber uns copos e a trocar cartões-de-visita.» No fornecedor devia estar o material promocional, além de circular uma folha informativa. Fernando Péra explica a colaboração com este certame: «É uma organização com um espírito muito importante nesta fase do País, tem a ver com outros estatutos culturais e políticos.»

Tal como a Bienal pretende ser uma mostra diferenciada de todos os tipos de ações estéticas, também o Café Lisboa reúne, até agora, produções sem escolha prévia, o que pode ser contraprodutivo. Porque se o espetáculo *A ordem biefeita* prometia inovação, acaba por não dar, gorando as expectativas. Pretendia ser teatro neogótico, de pendur esquizofrénico. Muitas palavras interessantes, ditas a maior parte em vólos fantásticos de Edgar Péra, para muito pouco conteúdo dramático ou minimamente espectacular. Dando quase o que de pior se esperava da curta mas cheia carreira dos participantes, e justificando críticas de dilettantismo sem profundidade.

A Políptico Orquestra do Chapéu prossegue o programa de terror até quinta-feira com uma proposta multimédia ao acompanhar o filme *Nosferatu* de Murnau (1922), integrado na Bienal Off. A combinação faz-se pelo lado expressionista das duas obras. Nuno Rebelo, o director musical, salienta a escolha de «clímax adaptados a diversas partes do filme: um tema de stress para momentos de velocidade, outro de terror, menos avassado mas mais forte, um alegre e despreocupado e um último melancólico, romântico e triste». Depois o espaço é de improvisação, útil com tocadores que pouco sabem de música. «Resolvemos o problema da parte mais alegre, por exemplo, porque a pianista toca apenas nas teclas pretas.» Antes haverá uma performance vamípresa na antessala, a parte exclusiva de Lisboa num espetáculo que tem vindo sempre a mudar desde que foi apresentado em 92 na Dinamarca. «Eu acho que isto ainda tem muito para dar. Adorava fazer o *Nosferatu* com um piano de cauda, timbais e uma orquestra.» Para essa evolução pode contribuir a entrada neste festival, pouco convencional, mas quase oficial, de «uma série de gente que me interessava que visse este espetáculo e que vai vê-lo agora, na Bienal».

Duas ideias num espaço gêmeo do festival mediterrâneo. Sem pressas, o Café Lisboa, assim como a Bienal, pode contribuir para a essencial escola de novos artistas. E basta ver o que nestes 15 dias se

RECORTE

EDIÇÃO PORTUGUESA DA REVISTA CULTURA, LDA.

51 ANOS AO SERVIZO DA CIVILIZAÇÃO PORTUGUESA

Correio da Manhã

Lisboa

310

Edição nº 005477 de 18/11/94

MÚSICA

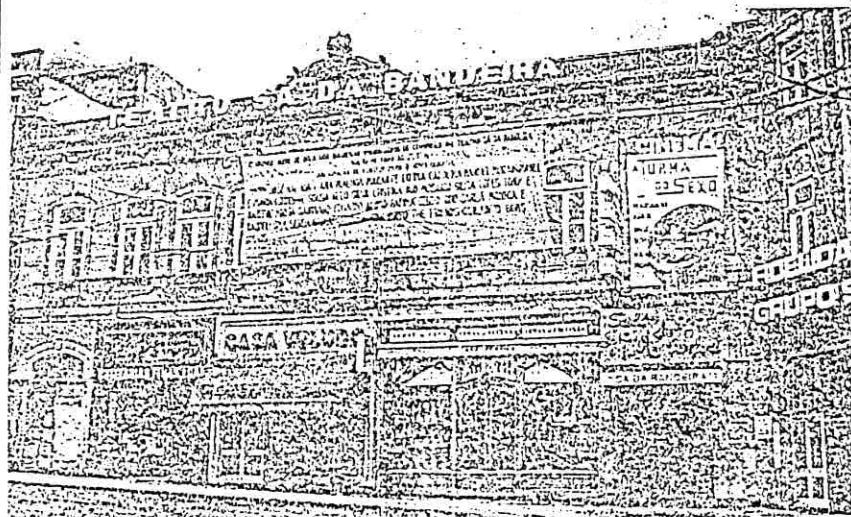
● Meter água - A música na Bienal dos Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo está representada pelos eruditos italianos do Watermusicduo (19 horas no Mosteiro dos Jerónimos) e pela música moderna do grego Ioanni Peidikis (Instituto Francoportuguês às 17 horas) e do Gruppo Sanguigno, de Itália (Gartejo às 24 horas).

10.

Artes e Vidas

NOVO PROJECTO NASCE NO PORTO

Teatro como "arte total"



Fachada do Sá da Bandeira; será que é desta que anúncios como o que se vê à direita vão finalmente desaparecer?

Não obstante as condições actuais claramente adversas (basta ler as muitas notícias sobre dificuldades várias com que se vêm debatendo muitos grupos de teatro), aqui e ali vão sendo anunciados novos projectos de índole teatral. Agora, chega-nos a notícia da criação de mais um colectivo teatral. Chama-se Visões Úteis, e concebe o teatro como "arte total". O Sá da Bandeira, como espaço ideal, é o seu objectivo.

Conceber um "arte total", adoptando o teatro como base referencial, é a proposta de Visões Úteis, um grupo recentemente formado no Porto por elementos oriundos do Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC).

"O nosso objectivo enquanto propONENTES de um novo projecto é procurar aplicar sistematicamente, às montagens e espectáculos, o conceito de "arte total", referente ao grupo, que se estreará em Janeiro de 1995 com "As Criadas", de Jean Genet.

No seu manifesto, Visões Úteis assume "partir à procura de novas linguagens", dedicando-se à "função básica da arte e à ação formadora da mesma, ampliando as possibilidades do artista".

"Propomos a procura de uma linguagem própria cuja objectivização implica o rompimento com conceitos e pre-conceitos. Isto não significa, no entanto, a assunção de uma postura radical. Interessa-nos muito mais ter uma outra vi-

lo que é essencial no acto teatral", salientou.

"Conceberia arte como um grande contínuo de coisas e partiu do princípio de que não está compartmentalizada", são outros argumentos a que recorre Susana Paiva para explicar a aposta estética do novo grupo.

Das correntes artísticas contemporâneas, os membros do grupo afirmam-se atraídos pelos movimentos históricos de vanguarda (futurismo, dadaísmo, surrealismo,构成ism), da escola do Bauhaus e da Pop-Art, cujo inspirador foi o norte-americano Andy Warhol.

Assumindo-se como um projeto profissional, Visões Úteis é uma colectividade formada por antigos membros do CITAC e integrantes das suas últimas produções: "Os Olhos" e "Um Processo", recentemente seleccionada para a Mostra da Jovens Criadoras da Europa do Mediterrâneo, a decorrer em Lisboa. Quase todos eles interrompem os seus cursos na Universidade de Coimbra (Psicologia, Direito ou Ciências) e mudam-se para o Porto, cidade que consideram com "condições ideais para um projecto artístico se desenvolver".

Em busca
do Sá da Bandeira...

De acordo com Susana Paiva, Visões Úteis poderá vir a transformar-se brevemente

mente em "companhia residente" do Teatro Sá da Bandeira, caso cheguem a bom termo as negociações em curso. Além de "As Criadas", de Jean Genet (com estreia em Janeiro), pretende levar à cena ao longo de 1995 "Guerreiros da Bagunça", do brasileiro Guto Greco (Fevereiros), "Maria não me mato que sou tua mãe", de Camilo Castelo Branco (Junho) e "O Desespero do Desencontro", uma dramaturgia colectiva do grupo (Outubro).

"Guerreiros da Bagunça" a apresentar em estreia mundial, é uma peça infantil inspirada no ídilio clássico "Romeu e Julieta" (de Shakespeare), onde surgem como protagonistas crianças de bairros de "meninos de rua" que sobrevivem nas metrópoles brasileiras. Por seu turno, a encenação de Camilo Castelo Branco pretende ser uma leitura pessoal da obra, com recurso a uma "determinada linguagem clownesca", preparada para exibição em espaços urbanos.

Paulo Lisboa, membro da Companhia Absurda (Brasil), é o encenador escolhido para as primeiras produções do grupo. Como fundadores da associação e integrantes do elenco de actores aparecem Ana Vitorino, Catarina Martins, João Jesus, Lucinda Gomes, Nuno Cardoso e Pedro Carreira. Susana Paiva é a responsável pela fotografia, e Albrecht Loops pela criação musical.

10
42 QUINTA-FEIRA, 17 DE NOVEMBRO DE 1984 A CAPITAL

Texto de PAULO REIS

Curtas metragens na Bienal de Jovens Criadores

«ELÉCTRICOS» MOSTRA NOVA ORIENTAÇÃO DA ESCOLA DE CINEMA

Um estudante de Direito chocada por eléctricos que abandonam os estudos para se tornar guarda-linea é o ponto de partida do «Eléctricos», curta metragem de Pedro Sena Nunes que hoje, às 23 horas, abre no cinema King, o programa da terceira dia da secção de cinema da 7ª edição da Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo. Promovida por João Reis e Rita Loureiro e com a participação de Fernando Lapa e José Eduardo, a película — com a duração de 16 minutos e rodada em 16 mm — é uma apimentada incursão na defesa do mais antigo meio de transporte: a bicicleta, ainda em actividade, o velho «ambalelo da Carniz», cada vez mais próximo da extinção absoluta.

Depois de «Eléctricos», serão exibidos no King outros curtas-metragens de autores portugueses: «Guerra à Paz» de Edgar Pêra, «A Noite Sair à Rua» de Abi Feijó e «Santa Maria» de Nuno Leonti.

Rodado integralmente em Lisboa, «Eléctricos» marca também a nova orientação seguida pela Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC) no que diz respeito à promoção dos jovens talentos que de lá saem, tendo sido um dos dois primeiros filmes ao qual foi dado a designação de extracurricular, ou seja, como define o realizador, «lein com um pé na escola e outro fora dela, uma maneira de fazer desde logo cinema com carácter profissional e soavemente o trabalhar em equipa». Numa comparação musical, «pode ser chamado um filme de "garagem", de onde possivelmente sairá uma boa máquina», acentua Pedro Sena Nunes.

Apesar de poder ser considerada como uma obra de autor, «Eléctricos» é, como refere o realizador, «propriedade da ESTC e a sua vida futura

depende exclusivamente da vontade dos responsáveis pela escola, de quem espero que promovam o filme da menor forma». Aliás, para Pedro Sena Nunes, «a razão da existência de filmes extracurriculares depende integralmente da maneira como a Escola os promove». A que não se trata de um mero exercício festivo, a arremata na gaveta, acrescenta.

Génese difícil

A partir de uma ideia original do João Murielado, que escreveu o argumento a meias com o realizador, «Eléctricos» surgiu, na实ha de que coincide com a generalização do cinema português, uma génese difícil. Rodado em Outubro de 1983, e financiado pelo antigo Instituto Português de Cinema, com os apoios da Câmara Municipal de Lisboa, Videocine e, numa escala menor, da Lisboa '94, a película poderá ser hoje vista, segundo Pedro Sena Nunes, gracias à sua dedicado e à de Émilia Buchianno, director de som e autor da banda sonora.



João Reis e Rita Loureiro são os protagonistas de «Eléctricos», curta metragem de Pedro Sena Nunes a exibir hoje no âmbito da Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo.

vacatio na ESTC na forma como foi apresentado o gênero, intercalado em vez de cartaz, numbrando assim um dos dogmas daquela instituição de ensino.

Seguidamente, rumou até Barcelona, onde, no Centro Cultural, consagraria a maior escola de cinema de Espanha, aperfeiçoou-se em realização, área específica in-

existente em Portugal. Em Budapeste, integrou a «workshop-mundial de direcção de fotografia» e em Berlim, participou no primeiro curso europeu de realização em documentário, ainda lhe sobrando tempo para ser o responsável pela imagem do Teatro Meridional, para fazer vários «spots» publicitários para a Comuna, Teatro Meridional e Teatro Nacional D. Maria II, e, finalmente, ser um dos três convidados das Festas de Lisboa de 1992 e 1994. «Pedro Sena Nunes — diz iluminado por nomes distintos como Hal H. Leo Carax, Buñuel, M. Bergman e Bresson — três projectos, um de documental a ser feito em Trás-os-Montes.

RECORTE

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTEIS DA IMPRENSA LDA
55 ANOS AO SERVIÇO DA INFORMAÇÃO PORTUGUESA

Público

Lisboa 330

Edição nº 001716 de 17/11/94

A propósito da Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo, há dança hoje para ver na Central Tejo pelas 20h30. Um espectáculo a cargo da Compagnie Monica Francia (Croácia). Ainda integrado nesta bienal, no Instituto Fran-

co-Português (17h) e no Mosteiro dos Jerónimos (19h) realizam-se dois concertos de música erudita contemporânea.

«ESPAÇO PARA A IMAGINAÇÃO E CRIATIVIDADE SEM LIMITES»

VII BIENAL DE JOVENS CRIADORES ABRE COM MÚSICA PARA BRINQUEDOS

«ESPAÇO para a imaginação e criatividade sem limites», segundo a secretária de Estado da Juventude, Maria do Céu Ramos, e relevando a grande importância, nas palavras de Vitor Constâncio, presidente da Sociedade Iberica 94, no que toca a «apoiar a nova produção artística e cultural», a VII Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo, para a qual foi decisiva a intervenção em parceria das duas entidades, foi ontem inaugurada oficialmente na sala do refeitório do Mosteiro dos Jerónimos.

Estavam presentes na mesa de honra, para além das citadas individualidades, o presidente do Comité Internacional da Bienal, José Murta Rosa, e o presidente da edição deste ano, Jorge Barreto Xavier, que, antes de usarem também da palavra para os agradecimentos e apresentações da plateia perante representantes do corpo diplomático e diversos jornalistas dos países representados, na cerimónia, assistiram a um concerto bem ilustrativo do espírito da bienal. De facto, o Ensemble J.E.R. (José Lopes, Francisco Suspiro, José Manuel

Freire, Armando Pereira e José Eduardo Rocha) interpretou repertório para instrumentos musicais e brinquedos de plástico - nomeadamente clarineta Antonelli, trompete Bonatti, clarina Hohner e violino Chicco, e apitos simulando o canto de pássaros, para além de uma panóplia de outros - onde não faltaram obras de Stravinski, Vianna da Mota e Zeca Alonso, originais como o Madrigal nº 2 para Clarina Hohner e Coro Crinolíptico. Todas aplaudidas pela assistência, que não disfarçou os sorrisos.

Foi o primeiro de uma série de mês de 40 espectáculos em diversos espaços, envolvendo mais de 300 intérpretes, a efectuar durante a bienal, que se prolonga até 15 de Dezembro.

Depois dos discursos oficiais, passou-se à vista da exposição na Garearia Nacional, cuja área de 5000 m² comportam 600 obras de cerca de 250 artistas, com meios de 30 anos, provenientes de 13 países da Europa e Magrebe, nas áreas da pintura, escultura, instalação, arquitetura, banda desenhada e ilustração, design gráfico, industrial e de moda, joalharia, fotografia, e video-instalações.

A meia-noite foi a vez de o teatro se estrear, com a apresentação, no Cais Lisboa, do espectáculo do Teatro Anatómico, «Acordel Balafão», peça interpretada por

Daniel de Almeida e por Damião Barreiro Ribeiro, e encenada por este último. Apontada em finais de Outubro para a peça, em cena dia sexta-feira, conta, em ambiente de leção científica de infantil, a história de um acasumado que se transforma, após uma explosão na seu laboratório, num ser monstroso com poderes descomunais.

A mesma hora, no Garajão, sobre a banda italiana Maio e La Revolucion, de Turim, apresentar o som da sua «PisoSexyDance».

Cinema, moda, cinema, vídeo, literatura, conferências, reuniões e outras actividades completam o certame, onde haverá ainda, um pouco à margem do evento principal, espaço para uma Bienal Off, dedicada ao desenho de ilustração e às músicas radicais.



No espectáculo de abertura da bienal, o Ensemble J.E.R. interpretou música para instrumentos e brinquedos de plástico



SUGESTÕES

As actividades integradas na Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo animarão com o seu talento alguns espaços lisboetas.

ARTE MEDITERRÂNEA EM LISBOA

Cerca de 650 jovens oriundos de diversos países da Europa Sul e do Magrebe vêm até Lisboa participar na 7ª edição da Bienal de jovens Criadores. O Programa, que tem hoje início, é preenchido, até 24 de Novembro, por exposições de trabalhos em diferentes áreas. Teatro, Cinema, Música, Dança, Literatura, Artes Plásticas, Design, Fotografia, Moda, são algumas delas. O Festival assentou praça no pavilhão da Cordoaria Nacional, à Junqueira. A ação, integrada na Lisboa 94, tem a organização do Clube Português e Ideias, da Bienal de Jovens Criadores da Europa e Mediterrâneo e o Instituto Português da Juventude.



A Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo nasceu da tradição cultural de Barcelona, cidade que

durante os anos 80 se afirmou com novas tendências de arte. Em 1985 é organizada nessa região castelhana a primeira Bienal. A iniciativa, palco de grande entusiasmo, teve a colaboração de autoridades, governos e associações culturais de muitos países do sul da Europa. A cidade espanhola tentou monopolizar a iniciativa tornando a Bienal um certame onde convergiam culturas mediterrâneas, proposta que desagradou às outras cidades participantes. Assim, a Bienal começou a ter lugar, alternadamente, entre Barcelona e outra cidade. Tessalónica 86, Barcelona 87, Bolonha 88 foram as iniciativas que decorreram até 1988, altura em que o Comité Internacional quebra o ciclo levando a Bienal até Marselha, sem passar por Barcelona. Depois de organizar sozinha a Bienal de 89 e cortar o financiamento, Barcelona abandona o Comité Internacional.

À parte estes contratempos, a Bienal começa a ganhar prestígio. Os ciclos de conferências com intelectuais de gabarito internacional, a apadrinhado do Presidente Mitterrand em 90 (Marselha), e do Príncipe de Espanha em 92 (Valência),

são alguns dos motivos que enaltecem o evento.

A vez de Lisboa

Produzida pela primeira vez por uma entidade privada — o Clube Português de Artes e Ideias — a Bienal 1994 pretende ser um encontro de pessoas de diferentes áreas artísticas, permitindo um diálogo entre os participantes. O certame procura abrir os horizontes à promoção e afirmação dos jovens artistas, promovendo ao mesmo tempo a troca de conhecimentos culturais entre as nações presentes.

Segundo Jorge Barreto Xavier, presidente da instituição organizadora "a Bienal é um acontecimento de massas que, até ao presente, se afirmou mais como acontecimento mediático do que como momento de Cultura". Apesar dos obstáculos que se proporcionam, nomeadamente a falta de investimentos financeiros que permitem mostrar o trabalho de jovens artistas em inicio de carreira, a Bienal continua a ser um encontro de Arte, de promoção e animação das cidades que a recebem.

A arte acima de tudo

O pavilhão riberinho da Cordoaria Nacional encheu-se de vida e de talento. Trabalhos de arquitetura, fotografia, artes

plásticas entre outras áreas decoram o espaço.

Os setenta jovens que compõem a seleção portuguesa, estão confiantes de que a participação na Bienal possa ser uma porta aberta ao futuro profissional, já que em Portugal são poucas as apostas neste campo. Só para falar de alguns artistas portugueses participantes, dão-se como exemplo a Ana Paula Cabral, com uma capa de revista imaginária; António Farinha, está presente com o "Aílpha-Beto"; Plácido Afonso traz um "Talher"; Elisabeth Almeida apresenta uma fotografia com efeitos gráficos. Carla Machado uma colecção de contos "Os Olhos e as Mãos"; Daniel Gala a obra literária "Sete Vezes Um" e Maria Duarte e Elsa Valentim a peça teatral "As Troianas", entre muitos outros.

Mas a Bienal 94, não se esgota nas quatro paredes da Cordoaria Nacional. A cultura mediterrânea vai sair à rua com música, cinema, vídeo, teatro, exposições e conferências. Filmes como: "Guerra e Paz" de Edgar Pêra, "À La Brûle Étoile", de Antoine Desrosières, podem ser vistos do dia 16 a 24 de Novembro no Cinema King. Os espectáculos de música, teatro e dança, terão lugar na Gartejo, no Mosteiro dos Jerónimos e na Central Tejo. Os colóquios, reuniões e conferências têm lugar marcado para o Centro Cultural do Belém. Sob a protecção dos jovens criadores vão ainda decorrer outras manifestações culturais, designadas "Bienal Off". As actividades centram-se em ilustrações e musicas radicais. A iniciativa é repartida pela Central Tejo e os Estúdios da "Costa do Castelo" - Café Lisboa.

Entra de borla na Bienal

O Clube Português de Artes e Ideias e o Jornal Forum Estudante não querem que fiques de fora das actividades lançadas pelo programa da Bienal de Jovens Criadores. Se queres assistir ao desfile da moda que vai ter lugar na Garo Marítima de Alcântara, no dia 18, aparece na nossa sede (Rua do Comércio, nº 8) com a revista Forum Estudante de Novembro. Temos 20 bilhetes para oferecer, com direito a duas entradas cada. Se prefres a música podes ir a um dos concertos no Gartejo com: "Mao e La Rivoluzione" (dia 15), "Copac Rain" (16), "Gruppo Sangüino" (18), "Mayflower" (19), "Pit'8 Duo Rock" (20), "Aroma Thalassi" (21), "Uptown" (22), "Três Tristes Tigres" e "Bizarra Locomotiva" (23). As condições de participação são as mesmas. Mas atenção. Só há 10 bilhetes e vais ter de optar entre a moda e a música, pois quem ganha um bilhete não tem direito a mais nenhum.

SLIDE	
Defundo	540
Edição nº 000504 de 15/11/94	

BIENAL DO MEDITERRÂNEO TODOS AO MOLHO



O programa da Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo arranca hoje. Durante duas semanas, Lisboa vai poder assistir ao trabalho dos vencedores nas áreas de cinema e vídeo, música moderna, jazz, música erudita contemporânea, dança, intervenção urbana, teatro, moda, fotografia, arquitetura, 3.D., artes plásticas, gastronomia e não se ficam por aqui. Ao todo, são 65 obras de setenta artistas de vinte países que vão estar em foco nas naipes da capital.

MÚSICA MODERNA

Sempre às 22h00 e no Cortejo. Hoje, dia 15, tocam os Mao e la Rivoluzione, um grupo que vem de Itália para nos mostrar a música que fazem e que qualificam de «Psi-coSexyDance». Amanhã é a vez da Eslovénia mostrar o que vale com os Capitó Rain, cujo espectáculo é qualificado como video-performance. Sexta-feira, Itália volta ao palco do Cortejo com o Gruppo Sanguigno, um grupo que se define como a fusão de todos os géneros musicais, com predominância para o rock, blues, funk e rap. Sábado tocam os Mayflower da Croácia que, segundo o programa da Bienal, «trazem-nos o som da música moderna que se faz na antiga Jugoslávia». Na dia seguinte conta-se em frenesi com os Pit-Pi Dan Rock... com influências que vão desde o rock às músicas orientais. Segunda-feira, a Grécia invade o Cortejo com o grupo Aroma Thalassi que tocam desde funk até acid jazz. Terça à noite é mais rap a francesa com os Uptown. E depois, chega a vez dos portugueses. O júri da Bienal seleccionou os três Tristes Tigres (na foto) que se apresentam na quarta-feira no Cortejo, seguindo-se-lhes os Bizarro Locomotiva no mesmo dia. Dia 24, a noite comece mais cedo e em espanhol: às 23h30, primeira com os Es Peccado (uma mistura de efeitos visuais e auditivos) e depois J.J. Juana, um grupo definido por um crítico musical espanhol como «punk-rock popular passante». A ver vamos.

INTERVENÇÃO URBANA

Lovecraft escreveu dezenas de contos, centenas de livros de cartas, estruturando um enigmático panteão de deuses e demônios, cujo nome e forma os homens esqueceram no desmagnetizante Estrada da Amnésia Temporal. É desto modo que Wallenstein inicia a narrativa que dá a linha condutora ao vídeo de Edgar Péra, um vídeo que surge como uma resposta à proposta de trabalho de Duarte Barriero Rivas, um dos vencedores deste Bienal de Jovens Criadores da Europa e Mediterrâneo no sector de intervenção urbana. Barriero Rivas propôs a realização de um Diário Autópsico dos Horrores de Howard Phillips Lovecraft, com o título «Acordei Bicelado» composto por um espectáculo de teatro. Edgar Péra andava a pensar fazer um vídeo sobre este autor. Uniram esforços e o resultado vai poder ser visto no Calé Lisboa, Estúdio Costa da Capela (nas traseiras da Cortejo, em Alcântara) a partir de hoje e até dia 19, sempre às 22h.

«Acordei Bicelado» conta a história de um alquimista que, numa ocidental mistura líquida, origina uma explosão

que o transforma numa criatura mostruosa. De Lovecraft diz Edgar Péra que «ao ir para Nova Iorque por dois anos quase enlouqueceu e transformou-se num ser ainda mais mesquinho do que já era e com um grande ódio a todos os seres. A mitologia de Lovecraft é das mais antigas da história da terra. É baseada em deuses que existiram antes dos homens e cujos segredos foram revelados pelos sonhos dos caçadores que jazem debaixo da terra».

Um teatro que conta com o filme realizado por Edgar Péra e narrado por Wallenstein a dar mais imagem e a complementar a performance dos dois actores, Duarte Barriero Rivas e David de Almeida. Ao fundo, a música de Carlos Zingaro e dar o tom ao espectáculo.

CINEMA E VÍDEO

De 16 a 24 de Novembro os cinemas King apresentam os filmes vencedores desta Bienal, sempre às 23h00. De 17 a 24, na Videoteca de Lisboa, podem assistir à retrospectiva do trabalho de seis realizadores seleccionados pela Bienal, são eles: Francisco Ruiz de Infante de Espanha, Edor Santos do Brasil, Robert Cohen de França, Iri Estasy e cinema de José Luis Lazcano e Edgar Péra. A entrada é livre.

Destes programas destaque para a sessão especial do filme «Nostocium», de Murnau, acompanhado ao vivo pela Paliploc Orquestra, dia 21, no Café Lisboa.

MÚSICA ERUDITA CONTEMPORÂNEA

Os concertos têm inicio marcado para dia 17 e prolongam-se até dia 24. O Centro Cultural de Belém, o Mosteiro dos Jerónimos e o Instituto Franco-Português foram os palcos eleitos para a apresentação dos jovens vencedores nesta área. Mas vamos por partes.

No Mosteiro dos Jerónimos, sempre às 19h00, na quinta-feira, actuam o No Quartet, de França. Sexta é a vez dos Watermusikduo, de Itália, sábado os Cinqui So, de França, domingo os Nocer Eddie Chozkii, da Argélia, e na segunda-feira é a vez dos portugueses Virígil, enquanto na terça toca o Tabir Percussion Ensemble, de Espanha.

No C.C.B., integrado nos concertos das 19h00 às 21h00, dia 21 toca Francisco Seco Miguel, de Espanha, dia 22 a Umbria Ensemble, de Itália, e dia 23, o Quarteto Eggen, também de Itália.

No Instituto Franco-Português, dia 17, às 17h00, tocam os Barratros, Quarteto de Enzo Fabiani, Milja Vihtovnik-Smrékar, da Eslovénia. Dia 19, à mesma hora, é a vez das Madena City Ramblers Combat Folk, de Itália. Dia 24, Portugal vai ser fazer ouvir através de Tiago Cuileiro & L'Oréille Cassée.

TEATRO

De 17 a 24, no pequeno auditório do Centro Cultural de Belém, são apresentadas as peças vencedoras desta Bienal, sempre às 22h00, com exceção para o dia 20, em que o grupo de Teatro Samari, de Itália, apresenta a peça «A Feiticeira», às 16h00. De Portugal vamos poder assistir à peça «As Iraionas», de Jean Paul Sartre, no dia 17, «Um Processo», de Franz Kafka, no dia 21 pelo Círculo de Coimbra, e ainda «Néque ou Sobre Piolhos e Actores», de José Sanchis Sinisterra, pelo Teatro Meridional de Lisboa, no dia 22.

Nos dias 16 e 22, sob o pano no Instituto Franco-Português com duas peças, uma de Itália e outra de França, sempre às 21h30.

MODA

Dia 19, às 22h00, o Centro Cultural de Belém abre as portas para a apresentação das Coleções Verão 95 da Seleção de Designers de Moda à Bienal de 94.

Os jovens criadores portugueses presentes nesta apresentação são António Almeida e Maria Gombera da Porta e Ana Raquel de Lisboa.

Público

Lisboa

330

Edição nº 001711 de 12/11/94

10

Teatro*Intervenção urbana de Duarte Barrilaro Ruas***Gótico, gigante, acrobata
e bicéfalo**

Começa hoje, em Lisboa, a Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo, que (Lisboa 94 "oblige") decorre na nossa capital, depois de, nos anos anteriores, se ter realizado em Tessalónica, Barcelona, Marselha, Bolonha e Valência. As dez manifestações teatrais propriamente ditas da Bienal têm lugar no Centro Cultural de Belém e no Instituto Franco-Português. Exactamente no primeiro dia, estreia uma "intervenção urbana", espectáculo multimédia com forte carga teatral. Duarte Barrilaro Ruas, o mais acrobata dos actores portugueses (como sabe quem o viu no "Povo das Chuvas Ácidas" ou em "Os Homens"), é intérprete, autor e encenador. Carlos Zingaro compôs a música e Edgar Pêra concebeu os filmes cibergóticos que são projectados durante a "performance", que se baseia num texto fantástico-científico de Howard Philips Lovecraft. No capítulo das "intervenções urbanas", a participação portuguesa é reduzida e tem mais a ver com artes plásticas do que com teatro; o que vale a pena é seguir a participação francesa, argelina, croata e italiana — de Turim, vem o Teatro dell'Acqua, que se propõe celebrar (com a ajuda do público) um auto-de-fé no Mosteiro dos Jerónimos, na noite de 23 de Novembro.

M.J.G.

RECORTE

SÉTE
Lisboa
Edição nº 000007 de 7/11/94

10



LIMITS, UMA OBRA
DE PAULO SCAVULLO

criadores invadem lisboa

GERAÇÃO DE ARTISTAS

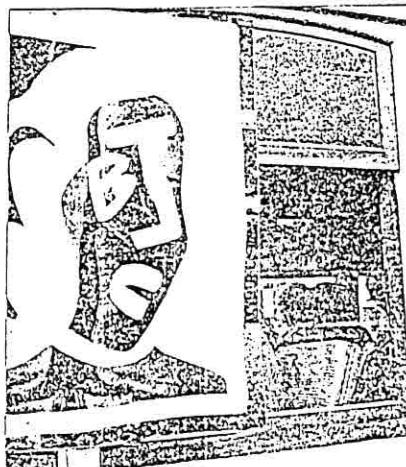
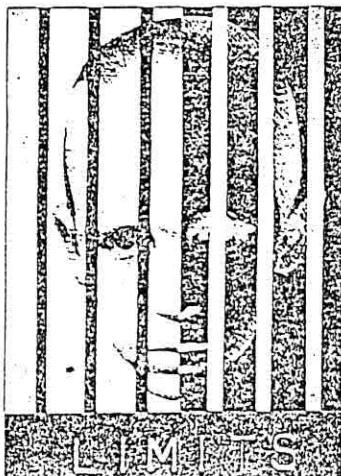


FOTO DE PEDRO SANTA BARBARA

Gente até 30 anos, com ideias na cabeça e vontade de as levar para a frente. Este é o perfil indicado para responder a um desafio chamado Biennial dos Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo. Vai ser sua sétima edição e esta é a primeira vez que decorre numa cidade portuguesa, depois do seu arranque em Barcelona, em 1985. O Clube Português de Artes e Ideias organizou a escolha dos representantes portugueses, 65 selecionados por um júri de entre cerca de 700 propostas. Agora, de 15 deste mês a 15 do próximo, é o público que vai julgar.

Para as edições anteriores desta Biennial — e porque se realizavam no estrangeiro — a participação portuguesa era designada por um comissariado, que decidia que jovens artistas portugueses iriam lá fora mostrar os seus trabalhos. Os Madredeus, o grupo de teatro O Bando, o estilista José António Teixeira, o escritor Fernando Lopes, o pintor Pedro Proença e o músico Nuno Rebelo foram alguns dos nomes projectados no estrangeiro. Em alguns casos, isso equivaleu realmente ao lançamento de uma carreira internacional.

Desta vez, o lugar foi dado aos mais novos. «Esta Biennial tem como preocupação fundamental dar prioridade a pessoas que nunca tiveram oportunidade de mostrar o seu trabalho. Lançamos um concurso público, de âmbito nacional, e as pessoas que vamos promover estão, relativamente aos outros participantes, numa fase anterior das suas carreiras», explica Jorge Barreto Xavier, actual presidente do Clube Português de Artes e Ideias.

(CPAI). O que permanece inalterável é a vontade de promover estes jovens artistas desconhecidos lá fora. O CPAI — entidade organizadora da Biennial — está a fazer contactos nesse sentido.

«Estamos a tentar trazer a Portugal agentes capazes de promover carreiras internacionais, o que constitui um atrativo adicional óbvio para participar na Biennial de Jovens Criadores», afirma. Sobre a qualidade dos projectos vencedores, já é mais reservado. Nem tudo o que se vai ver é muito bom; há coisas apenas razoáveis. No entanto, promete surpresas. Muita coisa para ver, ouvir... e provar. É que o concurso aberto à criatividade jovem recebeu projectos em áreas tão diversas como a arquitetura, a banda desenhada, o cinema e o vídeo, o design... e a gastronomia. Sem esquecer, é claro, as áreas clássicas: a dança e o teatro, as artes plásticas, a fotografia, a música e a literatura, estes ainda receptivo às ideias na área da intervenção urbana e da joalharia. O modo como as pessoas reagiram ao concurso foi, no entanto, inesperado.

MAO NA PSICOSEXYDANÇA

«Estranhamente a música e o cinema foram áreas pouco procuradas pelos jovens criadores... enquanto outras — e aqui destaco sobretudo a fotografia — foram muitíssimo procuradas. Alguns projectos apresentados era autênticas desgraças; pessoas que pensam que tirar umas fotografias no quarto ou fazer uns rabiscos de escola secundária serve para concorrer...» Por outro lado,

muito bom trabalho que com certeza se faz por aí não apareceu a concorrer. E Jorge Barreto Xavier diz: «Muita gente não concorre porque tem medo de perder, outros não o fazem porque querem ser convidados... Complexos de estrela.»

Seja como for, a mostra está prestes a arrancar com os projectos possíveis e com o apoio da Lisboa 94 e da Secretaria de Estado da Juventude. O orçamento para esta iniciativa foi de 150 mil contos, dinheiro com o qual a Biennial financia todos os custos de produção e arranja uma «montaria» para o projeto. Os participantes aceitam uma das regras do jogo: não há cachets para ninguém. Durante um mês, a partir de dia 15, muitos são os espaços de Lisboa que vão sofrer a invasão dos criadores — e a zona da beira-rio foi a mais procurada. Todos os dias há novidades: o dia inaugural, terça-feira, 15, é marcado pela cerimónia de abertura (18h30 nos Jerónimos) e pela abertura da grande exposição de artes plásticas, design, arquitetura, fotografia, joalharia, BD e ilustração na Cordoaria Nacional (à Rua da Junqueira). Mais tarde, por volta da meia-noite, a Gartejo — que vai ser um dos palcos mais utilizados na área da música — abre as portas à Biennial com um projecto italiano que se afirma como o inventor da psicosexydância. Trata-se do grupo Mao e la Rivoluzione, de Turim, três músicos e um cantor. Para mais novidades e o programa completo não percam a página especial do GUIA-SETE a partir da próxima semana.

ANA MARIA RIBEIRO

32 ARTES

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, SEXTA-FEIRA 28 OUTUBRO 1984

Franco-Português na rota de Ionesco

Para o mês de Novembro, o Instituto Franco-Português apostava no teatro, na música, nas artes plásticas e nos colóquios. Entre as iniciativas, espectáculos no âmbito da Bienal dos Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo

HENRI YERU, pintor francês cujo trabalho assume formas geométricas em que o negro predomina, inaugura, a 8 de Novembro, a programação deste mês do Instituto Franco-Português, com uma exposição, que se prolonga até 6 de Janeiro.

Logo em seguida, dia 11, às 21 e 30, representar-se-á a peça *Presença de Ionesco. Um Caminhar pela Vida e Obra do Mestre do Absurdo*, com interpretação a cargo de Luís de Lima, nascido em Portugal e considerado um dos grandes actores brasilienses. Traduziu Ionesco e tem mantido viva a obra do autor de *A Cantora Careca* no seu país como no estrangeiro.

Anabela Duarte actuará, entretanto, nos dias 9 e 10, às 21 e 30, no Franco-Português. Apresentar-se-á acompanhada ao piano por José Conrado para cantar *Lied*, opereta e ópera. Do programa constam obras de Wagner, Richard Strauss, Verdi, Puccini, Bemberg e Catalini.

Será a vez do jazz, no dia 25, às 21 e 30, com o trio de Sophia Domanech, que conta ainda com a participação de Paul Rogers (contrabaixo).

e Tony Levin (bateria). Realizar-se-á uma série de iniciativas em torno de Louis-René des Forêts, escritor, poeta e pintor pouco conhecido do grande público, homenageado o ano passado no Festival de Avignon. Representar-se-á *Les Grands Moments d'Un Chanteur*, dia 7, às 21 e 30, na Sala-Estúdio Amélia Rey-Collaço Robles Monteiro, no Teatro D. Maria II, e a 8, à mesma hora, no Instituto Franco-Português.

Uma exposição também neste âmbito – a levar a cabo de 2 a 11 de Novembro – será integrada por oito quadros de Forêts, 12 cartas de diversos autores, de Gide a Jean Paulhan, passando por Roland Barthes, Bataille, Perros,

Leiris, Edmon Joëls e Michel Caimus; uma página manuscrita do seu livro *Bavard*; um desenho a tinta de Raymond Queneau e ainda um livro ilustrado da autoria de Louis-René des Forêts e Pierre Klossowski.

A conferência, «Louis-René des Forêts: le drame de la parole», será proferida por Dominique Rabaté, dia 7, às 18 horas, no Instituto Franco-Português, e a 10 e 11, em

Cumhia e no Porto. A 29, às 19 horas, é tempo de rever *Indochina*, de R. Wargnier, com Catherine Deneuve.

Entre as iniciativas no âmbito da Bienal dos Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo, destaque para as peças *Giovanna*, de Isabella Carlotti, pelo grupo italiano Ilvolto, e *Teate Sans Se-pulture* pela companhia L'Insolite Traversée; e para a ação, na área da música, do quarteto Enzo Fabiani/Mitja Vrhovnik-Smrekar Ljubljana e de Ioanni Peikidis. A 23, às 15 horas, estará em foco o colóquio «Por um Mediterrâneo mais próximo», a inaugurar por Cherif Khaznadar,



► IONESCO: mantê-lo vivo é a proposta de Luis de Lima

mente tão ingênuo como os ovos de Páscoa, chonhou a atenção da polícia. Mais do que imagens, havia palavras - ou melhor, palavrões. Bastantes. Foram acusados de blasfêmia: «Não era um acto anti-religioso, mas, mais uma vez, uma maneira de desmascarar a hipocrisia instalada.» É um episódio revelador de uma terra cuja história recente não é contada apenas ao som das balas: «A Croácia é uma democracia, se fizermos o que nos mandarem», diz Ursic, num riso irônico. Por isso, também, sentem-se, enquanto profissionais, «meus instrumentos técnicos» e, enquanto espectadores de um quotidiano doloroso, «mentalmente mutilados». Esse quotidiano de guerra inspirou-lhes uma imagem que criticava directamente a FORPRONU. Só que, desta vez, o exército das Nações Unidas convidou-os a trabalharem para a organização: «Recusámos. Eles comportam-se como os Aliados depois de ocuparem a Alemanha.»

O mundo, visto pelos olhos dos jovens criadores, é ou não cruel? Boris Kuk e Albino Ursic discordam. Kuk salienta: «Os criadores não transmitem os seus próprios sentimentos, mas antes a sua visão do que se passa globalmente. Identidade mediterrânea? Não acreditam. Splendid Bengu é o primeiro criador albanês representado na Bienal. Tem 32 anos e é professor na Escola Superior de Belas-Artes em Tirana, onde vive sempre. Na Cordoaria exhibem-se as suas ilustrações, mas Bengu também pinta a aguarela e a pastel. Esta é a segunda viagem que faz ao estrangeiro. A primeira foi à Hungria, no Verão passado. Casado com uma estilista, conhece bem as condições de trabalho para os criadores, no seu país. A sua vinda a Portugal deve-se à ARCI, italiana, e uma fundação norte-americana sediada na capital albanesa, a GULP. «Hoje, na Albânia, há uma grande luta pela sobrevivência.» Num inglês mal alinhavado, Splendid Bengu revela como o isolamento político e económico retrata os albaneses: «Sinto-me liso mal quando contacto com os meus colegas italianos! Eu não sei utilizar um computador. Não há computadores na escola onde eu trabalho. Na Albânia, só as entidades importantes os têm!» Começou a pintar muito cedo. Quando a jornalista lhe pergunta se alguma vez foi pressionado na sua actividade, conta apenas que, há seis anos, teve problemas com a polícia secreta, por ter tido uma conversa mais aberta com um professor francês ligado ao Museu do Louvre.

Manuel Fior é o mais jovem artista plástico da vasta representação italiana. Tem 19 anos e frequenta o 2º ano da Faculdade de Arquitectura, em Veneza. As suas paixões verdadeiras são a BD e a ilustração. O seu trabalho diverge muito da linha condutora das artes plásticas da Bienal. São estórias povoadas por fadas e gnomos - o desejo maior do estudante é ilustrar contos tradicionais. A arquitectura será, só, a profissão. «É muito difícil trabalhar em BD, em Itália. Muito mais do que nos Estados Unidos.» Fior tem repartido o seu trabalho em fanzines e revistas de actualidades, mas não conseguiu ainda publicar um álbum. Não perdeu as esperanças - seria difícil, no seu caso, sobretudo depois de ter recebido o telefonema da ARCI. «Foi óptimo ter sido seleccionado!» Mas as suas opiniões acerca do panorama italiano revelam outras surpresas: «Na Faculdade, são muitos tradicionalistas e académicos. Referências? «Atrai-me muito a arquitectura orgânica de Frank Lloyd Wright.» Não é, de facto, o Mediterrâneo que o inspira. Na ilustração e a BD, tal como as suas aguarelas, transparecem, sobretudo, as luminosidades setentrionais e os tons sépia do Outono. E os outros artistas da Bienal? «Estão muito marcados pela materialidade.» Enfim, por um mundo que não é o seu.

Cinema jovem, cinema de ruptura

ELENA FERNANDES



VER... VIDEO DE RUI CATALÃO



Quinta-feira, 17 de Novembro, o cine-teatro do Monumental enche-se de pessoas que aguardam a projeção de «As Caixas». É a estreia do último filme do realizador. A plateia faz silêncio para ouvir as palavras de alguém, cuja história se confunde com a própria História do Cinema português. Manuel de Oliveira, cineasta, 86 anos de idade. Num outro lugar de Lisboa, não muito longe, a história toma conta de uma massa de gente que tenta entrar na sala n.º 3 do cinema King. Pedro Sena Nunes («Idénticos»), Abi Feijó («A Noite Sair à Rua»), Nuno Leonel («Santa Maria») e Fádgar Pêra («Guerra e Paz») abrem nessa noite a terceira sessão do programa de cinema da Bienal. O elevado número de bilhetes, mais a quantidade de livre-trânsitos e convites distribuídos impedem o funcionamento normal da sala. Helena Tavares, responsável pela direcção de cinema e vídeo da Bienal, tenta que Paulo Branco autorize a entrada de todas as pessoas. O empresário recusa, alegando questões de segurança. A situação torna-se insustentável: as pessoas dispõem-se a entrar à força. Helena Tavares consegue finalmente controlar a situação, o empresário cede, a sala enche-se. Oliveira passa o testemunho — é a grande festa do cinema português.

A Bienal começará já no dia 15 com a projecção de «Sette Anni Troppo Lungi» e «Ojillas», mas os seus momentos mais altos acabariam por ser os que não se encontravam previstos no programa. A «noite portuguesa», entre outros, é um bom exemplo disso. Por outro lado a conferência sobre o cinema jovem europeu, um dos acontecimentos que mais expectativas gerava, saldou-se por uma total ausência de debate, de interesse e de público. Os problemas e as conclusões apresentadas resumiram-se a dois assuntos em concreto. O primeiro a constatação

da inexistência, em Europa, de uma estrutura cinematográfica suficiente a nível de produção e distribuição. O segundo a falta de apoio estatal para superar este problema. Os representantes do IPACA aproveitaram a ocasião para referirem-se aos projectos de ajuda, do Instituto, à produção nacional. Projectos fantasma, se atendemos que cinco só o número previsto de filmes subsidiados apontado pelos representantes para o exercício do ano decorrente.

Apesar da circunstância dos participantes aos dois assuntos citados, houve lugar para outro tipo de intervenções como a de Massimo Martella, realizador italiano, e a sua ideia de que o cinema jovem é aquele que deve ser capaz de romper com a tradição e de abrir novos caminhos. Massimo Martella provou que era melhor a fazer definições que a realizar cinema «jovem». «Il Tuffo», filme da sua autoria apresentado nessa mesma noite no King, foi um espetáculo decepcionante. Bem filmado e tecnicamente certo, «Il Tuffo» é um daqueles filmes excessivamente correcto, tanto que sofre (e faz-nos sofrer) de tédio, característica comum a todos os produtos nascidos de uma certeza. Todo o contrário sucede quando se tem o prazer de ver duas obras da envergadura de «La Madre Muerta», da hispana Juanna Bajo Ulloa, e «Les Fils du Requin», da francesa Agnès Merlet.

«La Madre Muerta» é o fruto de um cinema que não respira, late, que não apresenta soluções nem pausas, só violências e pulsões. Se o cinema jovem se caracteriza pela sua ruptura com uma tradição podemos dizer que o filme «La Madre Muerta» não rompe com a tradição porque a sua natureza é ser essa ruptura, antes que representá-la. O realizador basco Juanna Bajo Ulloa é «criador» de um cinema feito de entradas e de saídas, em que as próprias imagens forçam a sua existência, num dos mais ricos casos de instituto cinematográfico animal jamais vistos. Em «La Madre Muerta» está força da

imensidade a seu ponto mais alto no olhar que Leire (Ana Alvarez), dirige a Ismael (Karra Elejalde) e, posteriormente, a Maite (Lia). Estes dois momentos são os únicos em que Leire abandona a sua passividade. Os seus olhos impedem que ela seja assassinada porque, através deste olhar, deixa o seu papel de vítima e passa a ser o carrasco, não só de Ismael ou de Maite, mas de todos os que, sentados, assistem à intensidade do seu enigma. «Há algo mau nelas» — diz-nos Maite, enquanto Ismael nos mostrará mais tarde a marca deixada por um tiro, que, tal como sabemos, era impossível falhar. As características especiais que rodeiam a projeção do filme, a saber, a falta de público que surgia à partida como inconveniente e no fim veio revelar-se como uma vantagem uma vez que proporcionou um espaço de perguntas e respostas improvisado pelo realizador, serviram para alimentar o filme com um dos mais mágicos componentes do cinema — O valor de Culto.

Mas se «La Madre Muerta» é um filme violento, «Les Fils du Requin» é um filme sobre a violência na sua vertente mais cruel, a que carrega aquele a quem retraram o seu lugar no mundo, privando-o da dignidade que encerra qualquer vida humana. «Je suis le fils de la femme et de l'homme, mais si j'avait eu la chance j'aurais été le fils de la femme du requin», diz — e repetirá — Martin (Ludovic Vandendaele) de maneira insistente ao longo do filme. «Les fils du requin» é uma poesia de 88 minutos surgida de um equilíbrio limítrofe entre a palavra e a imagem. Vale a pena lembrar aqui duas cenas que forçam esse equilíbrio ao seu extremo. A primeira, e logo no início do filme, quando os dois irmãos assaltam o cinema e põem a funcionar o projector; imagens de peixes povam a tela de céu enquanto ouvimos as palavras de Jóhann (Erik da Silva); «um dia eu e o meu irmão iremos até ao fundo do mar, onde ninguém possa encontrar-nos, e então desapareceremos para sempre». A segunda, uma das cenas finais, quando, ao passar pelas docas do porto, ambos os irmãos observam um conjunto de homens que, numa mesa de madeira, cortam as cabeças dos peixes acabados de chegar. «Eles sofreram?», pergunta Martin, e a cámara responde com um grande plano da agonia das cabeças de peixes separadas do seu corpo, e o que vemos é a agonia dos inocentes, dos que morreram mutilados pela mão do homem, é a angústia violenta dos peixes, que, tal como Jóhann e Martin, tentam desesperadamente agarrar a vida que lhes foge e que se rejeita. Nota máxima, portanto, para Agnès Merlet e para Juanna Bajo Ulloa, dois nomes que, junto com o de Teresa Villaverde, asfiam um futuro de futuro para o cinema europeu.

BIENAL DOS JOVENS CRIADORES

Artes do «Mare Nostrum»

Literatura, cinema e vídeo, música, artes plásticas

— tudo isto tem sido mostrado na Bienal de Jovens Criadores do Mediterrâneo, a decorrer até 15 de Dezembro com mais ou menos público, mas com algumas novidades de relevo. Estaremos perante uma geração de inovadores? Quem sabe...

Os problemas dos criadores jovens de hoje são, provavelmente, os mesmos de sempre, e passam todos por uma só questão: sobre-vivência. E sobreviver, como é, no Mediterrâneo afectado por conflitos (a Argélia, a ex-Iugoslávia)? O mercado de trabalho é a criação artística andam desencontrados, quer nos países de maior avanço tecnológico quer nos que vivem em situações de maior atraso. Por razões diferentes, claro.

Tudo isto já se sabia. O que pouco se suspeitava é que é muito difícil trabalhar em banda desenhada em Itália, um país com tradições tão poderosas nas artes plásticas e no mundo gráfico, em geral. Pensava-se que numa cidade como Zagreb as condições de trabalho não

fossem exactamente as melhores. Mas não se sabia que, apesar disso, o mundo da ilustração e do design continua a mexer-se. Como pouco se sabia sobre a Albânia. Melhor: soube-se que, também nas artes, este era um país fechado sobre o seu próprio abrigo. Ouvir-lo da boca dos próprios albaneses era mais difícil. O «JL», falou com artistas plásticos da Croácia, da Itália e da Albânia, esta representada pela primeira vez absoluta numa edição da Bienal. Albino Ursic e Boris Kuk são designers profissionais e ilustradores croatas e trabalham em Zagreb, onde nasceram. Boris tem 27 anos e Albino, 26. Vêm participando activamente na Bienal desde 1991. Na Escola de Belas-Artes de Zagreb, que frequentavam, concheberam, em 1984, o projecto «Božesacivaj» («Deus me livre»). Trata-se da concepção de posters, ligados a campanhas, ou, simplesmente, como

forma directa de intervenção social. Têm, te momento, 40 posters, que definem e enquadrados «no nosso tempo e do sítio (vivemos). Recorre com frequência à imagem fotográfica, mas também à colagem e à poesia visual. Algumas imagens dirigem-se «camaleões» da era pós-Tito. Para os res, são todos os que, após uma ligação ao Comunismo, rapidamente viraram as costas, bandeiras vermelhas e seguiram a via curva do fundamentalismo religioso. Aí dirige-se o cartaz provocatório onde, ao lado de uma menina corada de espinhos e a carregar uma cruz, se pode ler «50 years we live communist sin, that's why from now 50 years we will fast» («Vivemos 50 anos em pecado comunista, por isso vamos jejunar nos próximos 50 anos»). É também ao ópio da fé religiosa que se dirige o poster «Drugs Kill» onde a toxicodpendência é comparada ao exclusivismo religioso. As duas imagens podem ser vistas na mostra de Lissabon. Mas os autores não avisam que não estão ligados a qualquer corrente ideológica específica. De resto, o poster «Drug» foi utilizado em apoio a uma campanha governamental d combate às drogas.

A fuga aos rituais não os impidiu de irem parar à prisão. Fizeram, em Abril do ano passado, quando participavam numa exposição colectiva no Museu de Artes e Ofícios de Zagreb. Um cartaz, sobre um tema aparentemente



LITERATURA

UMA NOVA ESTÉTICA

MARIA-JOÃO MARTINS

Falam de viagens irrepetíveis, e vidas carecendo de destino e de amores em busca da luz própria que os transformariam em estrelas. São os poetas e escritores da Europa e do Mediterrâneo que a Bienal de jovens criadores (sem dúvida, um dos acontecimentos mais importantes e consequentes da capital europeia da cultura) trouxe a Lisboa para mostrarem de que são capazes.

No momento em que distribuímos a cobertura das várias secções do certame pela Redacção do «JL», quase me arrependo de ter escolhido a literatura. Afinal, como posso analisar, tão suíça e rapidamente quanto possível, o trabalho de algumas dezenas de jovens, de origens e culturas diversas, cuja obra — para além da que se apresenta na Bienal — ignoro? A que critérios devo recorrer?

O destaque dado pelos outros órgãos de comunicação está fora de causa. Como, à partida, esperavam os organizadores da iniciativa, esta tem sido a secção menos mediatisada da Bienal. Os holofotes — se os há — incidentem sobre áreas mais visuais ou espectaculares como a intensa mostra de artes plásticas, ilustração, banda desenhada, fotografia, arquitectura e design patente na Cordoaria Nacional, ou sobre os espectáculos de dança, música, cinema e vídeo. Para a literatura, montou-se, no passado dia 20 de Novembro, um café especializado de excusa efícieia e fotocopiou-se uma antologia, de circulação restrita. Estamos, pois, no que à literatura respeita, perante uma iniciativa falhada? Pelo contrário. A literatura é, desde sempre, uma arte para o privado, destinada ao recolhimento e às lareiras acexas. A sua qualidade está, muitas vezes, na proporção inversa da sua mediatisação. Os jornais, as televisões e o chamado grande público preferiram as outras secções à literatura? Provavelmente, mas isso não retira fôlego ao futuro, que decreto pertencerá a vários dos poetas e escritores agora representados em Lisboa.

Por outro lado, uma antologia é um péssimo lugar para se avaliar da importância de autores

desconhecidos. Tudo quanto se recolhe é uma frase de ouro, uma ideia de exceção, que tanto podem augurar um futuro excepcional como não augurar coisa alguma. Mas esse — conclui por si — é o risco inherent a todas as mostras de arte jovem. Neste jongo, apostei e espero. Ou seja, eu aposto e espero. O leitor aposta na minha aposta e espera que eu tenha razão. Foquemos a nossa atenção nos autores portugueses. São três, com idades comprendidas entre os 27 e os 23 anos. Rui Pires Cabral, 27 anos, vive em Vila Real e é poeta. Daniel Gala, 23 anos, vive em Coimbra e apresenta um excerto (em prosa) do seu trabalho (inédito) «Sete Vezes Um». Carla Machado dos Santos, 26 anos, é de São João do Estoril e apresentou-se na Bienal com um livro de contos, longamente burilado, a que deu o título «Os Olhos e as Mãos». Tive li e em que aposto claramente.

Convicta de que, na literatura, mais importante do que as ideias é a linguagem, Carla confessou ao «JL» a sua preferência pelo conto. Ai, comporta-se como uma menina no recreio: liberta os sentidos e as possibilidades da linguagem. Mas não enjeita o papel da disciplina. «Por mais simples que seja, um conto precisa de coesão e de uma estrutura.»

«Os Olhos e as Mãos» é, por conseguinte, tudo isso — um trabalho que iniciou há muito e que hesita em dar por acabado. De que se fala nestes contos? Sobretudo de uma das paixões da sua autora: a observação da 3.ª idade. «Os idosos têm, como a juventude, a sensação de vazio, a necessidade de se situarem na vida e de gerir o tempo. Por isso, uns como os outros, sentem uma grande insecuridade.»

Sem nenhum trabalho publicado, Carla Machado dos Santos aguarda agora que esta presença na Bienal lhe traga a oportunidade desejada. O livro que tem pronto, justamente «Os Olhos e as Mãos», mostra que adquiriu já a maturidade por que se houve antes de começar a mostrar os seus escritos a terceiros. Senhora de si e da sua vontade, declara: «Quis primeiro aprender a nadar. Nesta mar há muitos tubarões.»

BIENAL COM BD AO MEIO

RECORTE

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE REPORTAIS DA IMPRENSA, LDA

55 ANOS AO SERVIÇO DA INFORMAÇÃO ESCRITA

Notícias de Encenaamento

Encenaamento

Edição nº 000659 de 2/12/94



apreciados originais de autores tão curiosos como Athanase Moutopoulos (Grécia), Sphend Bengu (Albânia), Jaoudet Gassouma (Argélia), Jaime Hernandez de La Torre e Juan Diaz Almagro (ambos de Espanha), Manuele Fior, Piero Angelini, Matteo Casalini e Raimondo Pasin (todos de Itália), mais o colectivo Jakob Klemencic, Damjan Sovec e Milos Radosavlevic da associação cultural Forum de Liubljana (Eslovénia), que publica na revista de BD Stripburger (editada por Boris Bacic; contacto: Stripburger, Forum, Kersnikova, 4, 61000 Ljubljana/SLOVENIA). O NE passou por lá e, apesar da deficiente iluminação, recomenda vivamente esta mostra, aos que passarem pela capital nos próximos dias. Existem trabalhos muito bons — como aquela estória de Natal (que se aproxima) do esloveno Klemencic, onde deparamos com um atónito Pai Natal que, em contrapartida pelas prendas que oferece, recebe cadáveres de suicídarios, acabando por levá-los consigo atrelados ao trenó voador... No fim persiste a mensagem "Vesel Bosic in Srečno Novo Leto vam Zelj" que em português mais não significa que o tradicional e universal Feliz Natal e Bom Ano Novo. Fica uma dúvida: gostava de saber porque é que não há portugueses entre estes talentos do círculo mediterrânico. Mistérios...

E do firmamento europeu, caíram novíssimas estrelas azuis d'cor do mar Mediterrâneo. Integrada na 7ª Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo — Lisboa 1994, está patente ao público, desde 15 de Novembro e até 15 de Dezembro, na Cordoaria Nacional, uma vasta exposição que abrange das Artes Plásticas à Fotografia, passando pelo Design Gráfico ou de Arquitetura, pela Joalharia, Vídeo e... Banda Desenhada. No espaço reservado à 9ª Arte, paredes-molas com a Ilustração, podem ser